

Aulas 23-28 – A montagem da *Eneida*

A Eneida e seus hipotextos

1. Os modelos homéricos e a *Eneida*

1.1. Relações entre os textos

Duas formas de intertextualidade

“[A]s relações intertextuais entre Vergílio e Homero não se resumem a uma única e simples tipologia alusiva. Podemos, quase que à primeira vista, estabelecer uma distinção elementar entre ao menos duas grandes direções intertextuais fundamentais que miram dois aspectos distintos do texto homérico. [...] De um lado, a *Iliada* [assim como a *Odisseia*] oferece uma história para imitar, pura e simplesmente; uma história individual que tem o potencial de ser a quintessência do enredo épico para imitadores futuros. Vergílio toma, para transformá-la, essa história de dois grandes heróis cujas vidas se interseccionam em uma esquema de vingança (Enéas-Turno-Palante como Aquiles-Heitor-Pátroclo).



“Porém, essa exploração (o modelo como ‘matéria’) não é a única forma pela qual o texto homérico funciona como modelo. Homero também oferece um repertório de materiais codificados, e seu texto se torna quase como que um código para novas epopeias. Assim, Vergílio não absorve apenas uma única história exemplar que pode ser citada amplamente por meio de alusões, mas também em um genuíno repertório – de fórmulas épicas estritamente codificadas em linguagem rítmicas; de *topoi* – isto é, de tipos figurativos – menos codificados em termos específicos; de regras combinatórias para agrupar materiais típicos.”

(A. BARCHIESI. *Homeric effects in Vergil's narrative* [1984]. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2015, p. 49.)

1.2. Estrutura das relações, ou imitação do enredo

“[Vergílio] desmembra os livros [dos poemas homéricos], decompõe as sequências, os episódios, até mesmo os versos individuais, desmonta suas estruturas narrativas – e depois os remonta livremente. A *Odisseia*, com as peregrinações sofridas pelo seu herói, se tornará o palimpsesto da primeira parte da *Eneida*, a *Ilíada*, com suas batalhas e suas vítimas gloriosas, deverá, por sua vez, transparecer na guerra sofrida por Enéas em terra itálica.”

(G. B. CONTE. *Dell'imitazione: furto e originalità*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 2014, p. 34.)

6 Sed et haec et talia ut pueris decantata praetereo. Iam vero Aeneis ipsa nonne ab Homero sibi mutuata est errorem primum ex Odyssea, deinde ex Iliade pugnas? quia operis ordinem necessario rerum ordo mutavit, cum apud Homerum prius Iliacum bellum gestum sit, deinde revertenti de Troia error contigerit Ulixi, apud Maronem vero Aeneae navigatio bella quae postea in Italia sunt gesta praecesserit. [...]

6 Mas essas coisas e coisas como essas, que são aprendidas de cor pelas crianças, eu as deixo de lado. Quanto à própria *Eneida*, ela não tomou emprestado primeiramente as errâncias da *Odisseia* e depois as batalhas da *Ilíada*? Sim, porque a ordem dos acontecimentos necessariamente mudou a ordem da narrativa: enquanto, em Homero, a guerra foi primeiro travada em Troia, com Ulisses tornado um errante em seu retorno de Troia, no Enéas de Marão, a viagem precedeu as guerras que foram subsequentemente travadas na Itália. [...]

13 Quid, quod et omne opus Virgilianum velut de quodam Homerici opus speculo formatum est? Nam et tempestas mira imitatione descripta est (versus utriusque qui volet conferat), ut Venus in Nausicae locum Alcinoi filiae succedit, ipsa autem Dido refert speciem regis Alcinoi convivium celebrantis.

13 E quanto ao fato de que todo o poema de Vergílio é moldado como uma espécie de imagem especular da obra de Homero? Pois a descrição da tempestade é uma belíssima imitação de Homero – se alguém quiser comparar os versos de cada uma delas, que ele o faça (Od.5.291ss ≈ A.1.81-156) – e Vênus tomou o lugar de Nausícaa, filha de Alcínoo (Od.6.139ss ≈ A.1.314-24), enquanto a própria Dido é a imagem mesma do Rei Alcínoo reunindo o seu banquete (Od.8.57ss ≈ A.1.697-200).

14 Scylla quoque et Charybdis et Circe decenter attingitur, et pro Solis armentis Strophades insulae finguntur. At pro consultatione inferorum descensus ad eos cum comitatu sacerdotis inducitur. Ibi Palinurus Elpenori, sed et infesto Aiaci infesta Dido et Tiresiae consiliis Anchisae monita respondent.

14 Cila também e Caribdes e Circe são mencionadas brevemente, mas apropriadamente (Od.12.235-59 ≈ A.3.420-428, Od;10.135ss ≈ A.7.10-20), e as Estrófades são plasmadas no lugar no gado do Sol (Od.12.262ss ≈ A.3.209-13). Porém, em vez da consulta de Ulisses aos espíritos dos mortos, Enéas é representado descendo até eles com a sacerdotisa por companheira (Od.11.23ss ≈ A.6.236-73). Lá Palinuro corresponde a Elpénor, como a hostil Dido ao hostil Ájax, e os avisos de Anquises aos conselhos de Tirésias (Od.11.51-89, 543-65, 90ss ≈ A.6.337-83, 450-75, 679ss).

15 Iam praelia Iliadis et vulnerum non sine disciplinae perfectione descriptio et enumeratio auxiliorum duplex et fabricatio armorum et ludicri certaminis varietas ictumque inter reges et ruptum foedus et speculatio nocturna et legatio reportans a Diomede repulsam Achillis exemplo, et super Pallante ut Patroclo lamentatio, et altercatio ut Achillis et Agamemnonis ita Drancis et Turni, utrobique enim alter suum alter publicum commodum cogitabat, pugna singularis Aeneae atque Turni ut Achillis et Hectoris, et captivi inferiis destinati ut illic Patrocli hic Pallantis;

15 Logo, há as batalhas e os ferimentos da *Iliáda*, transpostos com perfeita habilidade, o duplo catálogo dos aliados (Il.2.485-760, gregos, e 816-77, troianos \approx A.7.641-817, ítalos, e 10.163-214, etruscos), a forja das armas (Il.18.369-477 \approx A.8.370-453), a variedade das disputas nos jogos (Il.23.257-897 \approx A.5.104ss), o tratado entre os reis pactuado e depois rompido (Il.3.276-92 e 4.04ss \approx A.7.259-73, 341-622 ou A.12.161-215, 216-86), a missão noturna de descobrimento (Il.10.272.579 \approx A.9.176-445), a embaixada que relata a negativa de Diomedes, segundo o exemplo de Aquiles (Il.9.182-694 \approx A.11.225ss), o lamento sobre Palante, como aquele sobre Pátroclo (Il.18.22-51 \approx A.11.36-58), a discussão áspera entre Drances e Turno, como aquela entre Aquiles e Agamêmnon, em cada caso um cuidando de seu próprio interesse, e o outro do interesse comum (Il.1.121ss \approx A.11.336-444) – o combate singular de Enéas e Turno, como aquele de Aquiles e Heitor (Il.22.21ss \approx A.12.697-952), os reféns assinalados pela alma de Pátroclo, de um lado (Il.21.26-32) e de Palante, de outro (A.10-517-19):

— Sulmone creatos
Quattuor hic iuvenes, totidem quos educat
Ufens,
Viventes rapit, inferias quos immolet umbris.

*Então os filhos de Sulmão,
quatro jovens, outros tantos que criou Ufente,
captura-os com vida, para os imolar como vítimas aos
manes.*

(MAC.Sat.5.2.6 e 5.2.13-15)

En.1-6 como “Feácida”

“Resumindo nossos primeiros resultados, podemos agora dizer que é possível afirmar com maior grau de exatidão do que até aqui que, em seus primeiros seis livros, Vergílio não transformou o todo da *Odisseia*, mas apenas os oito livros 5-12 – apenas um terço, mas o terço essencial da epopeia. Desse núcleo, nenhuma parte vital foi deixada de lado. De outro lado, os livros 1-4, a Telemaquia, não foram incorporados em *Eneida* 1-6, nem o todo da segunda metade da *Odisseia*, os doze livros 13-24. Ademais, agora podemos assumir que Vergílio claramente se deu conta de como Homero concebeu a estrutura da *Odisseia* e que Vergílio, assim, não apenas imitou versos ou cenas homéricas esporádicos. Ao contrário, ele primeiramente analisou o plano da *Odisseia*, e então o transformou e dele fez a base para seu próprio poema.”

(G. N. KNAUER. *Vergil's Aeneid and Homer. Greek, Roman and Byzantine Studies*, n. 5 (2), 1964, p. 61-84, aqui p. 72-73.)

“Embora o poema sinalize com alguma fanfarra o que parecem ser intenções iliádicas para sua segunda metade, ele não embarca imediatamente nesse projeto, mas antes continua em uma trajetória odissíaca por mais dois livros adicionais. A chegada de Enéas no Lácio no livro 7 e sua embaixada no livro 8 à cidade de Palante, uma cidade grega construída no sítio do que viria a ser Roma, correspondem à chegada de Odisseu em Ítaca e sua abordagem cuidadosa de sua propriedade em *Odisseia* 13-15. Com apenas quatro livros para terminar, a *Eneida* está parecendo que se tornará uma *Odisseia* do começo ao fim.”

(J. FARRELL. *Juno's Aeneid: a battle for heroic identity*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2021, p. 11-12.)

“Ainda que deva permanecer fragmentária, essa visão de conjunto já permite reconhecer o plano deliberado de Vergílio. Assim de tudo – e esse parece ser o mais importante resultado – a imitação da *Odisseia* não termina de modo algum com o livro 6 [da *Eneida*] (< 11 [da *Odisseia*]). Os livros 13 e 14 [da *Odisseia*], na medida em que terminam a ‘odisseia’ (livros 5-12), mas sobretudo a Telemaquia (fim de 2, 3, 4 e 15) são ‘inteiramente’ retrabalhados, isto é, em *Eneida* 1-8, os livros 2-15 da *Odisseia* são transmudados. O livro 8 contém, em forma comprimida, os elementos essenciais da Telemaquia. As cenas divinas de {Od.1 e de Od.24 são, enfim, para o percurso da ação na *Odisseia* tão significativas como aquelas de *Eneida* 1 e 12 para a realização da trama da *Eneida*, e parecem mesmo ser mais importantes aqui do que as cenas divinas da *Iliada*. Assim, *estruturalmente*, não são retrabalhados os livros 1, grande parte do dois e 16-24 da *Odisseia*. [...]



“É decisivo para a compreensão da *estrutura de conjunto* [da *Eneida*] o propósito de Vergílio de unificar a ‘trama de Helena’ e a ‘trama de Pátroclo’. Assim que *Eneida* 7 começa com a imitação de Il.2, a que se segue, em *Eneida* 8, a imitação de Il.18. Em *Eneida* 9, contudo, espelham-se os acontecimentos em ausência de Enéas aqueles de Il.8-12, sem Aquiles, antes da decisão, a que se segue, na primeira metade do livro 10 [da *Eneida*], a decisão: Il.16 (com Il. 21 e os *Cantos Cíprios* e a *Etiópida*). Aqui volta o motivo Helena-Lavínia. Em *Eneida* 11, no entanto, ele está evidente: Il.7 – a liberação de Helena é considerada – e agora regressivamente: Il.6, petição (com Lavínia) pacto e quebra do pacto em *Eneida* 12: Il.3 e Il.4, com que se retorna à situação de Il.2 após o catálogo dos aqueus. Ou, inversamente: a transformação do começo da *Iliada* Il.2), ao fim de *Eneida* 8, que havia sido interrompida, é continuada em *Eneida* 12 com Il.3 e Il.4.”

(G. N. KNAUER. *Die Aeneis und Homer*. Studien zur poetischen Technik Vergils mit Listen der Homerzitate in der Aeneis [1964]. 2.ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979, p. 329-331, com inserção de 265.)

“Ao mesmo tempo, contudo, o catálogo das forças itálicas que conclui *Eneida* 7 corresponde ao catálogo de forças gregas e trianas que conclui *Iliada* 2. Cada catálogo procede o deslanchar de combate ativo em cada poema. Ademais, em *Eneida* 8 e 9, o herói está ausente enquanto seu povo está sob ataque, uma situação que corresponde a *Iliada* 3-19, quando Aquiles fica em sua tenda enquanto os gregos estão (na maior parte do tempo) sendo surrados pelos troianos. Em *Eneida* 8 e em *Iliada* 18, Enéas e Aquiles ambos recebem de suas mães o donativo de armas divinas, e nos livros 10 e 20, ambos retornam à batalha vestindo-as e saindo vitoriosos. Por fim, cada um mata o maior herói do lado inimigo, Turno em *Eneida* 12 e Heitor em *Iliada* 22.””

(J. FARRELL. *Juno's Aeneid: a battle for heroic identity*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2021, p. 12.)

1.2.1. *A Eneida* como trilogia?

“A *Eneida* é a história de Enéas e também a história do destino de Roma sob Augusto. Este último fornece o miolo central da obra (V-VIII) e termina com o livro VIII. A primeira seção é a tragédia de Dido, e a terceira é a tragédia de Turno. Os livros I e IV são os livros de Dido, e eles abraçam II e III, que fornecem a história de Enéas em Troia e de suas errâncias. De modo semelhante, IX e XII são predominantemente os livros de Turno; Turno está ativo em X e XI, mas esses dois livros são prioritariamente voltados a outras personagens, X a Palante, Lauso e Mezêncio e XI a Drances e a Camila.”

(G. E. DUCKWORTH. *The Aeneid as a Trilogy. Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, n. 88, 1957. p. 1-10, aqui p. 4-5.)

I. Tragédia de Dido

- 1.
2. Troia. Partida. Perda de Creusa.
- 3.
4. Cartago. Partida. Morte de Dido.

II. Destino de Roma

- 5.
6. Destino do Estado romano
- 7.
8. Futuro da cidade de Roma

III. Tragédia de Turno

- 9.
10. Enés vitorioso sobre Mezêncio (*impietas*)
- 11.
12. Enéas vitorioso sobre Turno (*uiolentia*)

(G. E. DUCKWORTH. The Aeneid as a Trilogy. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, n. 88, 1957. p. 1-10, aqui p. 8.)

1.2.1.1. Prefiguração do último terço na écfrase de 1.446-497

Hic templum Iunoni ingens Sidonia Dido
condebatur, donis opulentum et numine diuae,
aerea cui gradibus surgebant limina, nexaeque
aere trabes, foribus cardo stridebat aenis.

450 Hoc primum in luco noua res oblata timorem
leniit, hic primum Aeneas sperare salutem
ausus, et adflictis melius confidere rebus.

Namque sub ingenti lustrat dum singula templo,
reginam opperiens, dum, quae fortuna sit urbi,

455 artificumque manus inter se operumque laborem
miratur, uidet Iliacas ex ordine pugnas,
bellaque iam fama totum uulgata per orbem,
Atridas, Priamumque, et saeuum ambobus Achillem.
Constitit, et lacrimans, 'Quis iam locus' inquit 'Achate,

460 quae regio in terris nostri non plena laboris?
En Priamus! Sunt hic etiam sua praemia laudi;
sunt lacrimae rerum et mentem mortalia tangunt.
Solue metus; feret haec aliquam tibi fama salutem.'
Sic ait, atque animum pictura pascit inani,

465 multa gemens, largoque umectat flumine uultum.

Aqui ingente templo de Juno a Sidônia Dido
erguia, opulento em dons e no poder da deusa,
ao qual a soleira brônzea conduzia por degraus, e envoltas [eram]
as arquitraves em bronze, e a dobradiça rangia nas portas brônzeas.
Por primeiro nesse bosque, novidade [que lhe foi] ofertada ao temor
aliviou, aqui por primeiro Enéas esperar a salvação
ousou e [ousou] pôr mais confiança em suas provações.

Pois, enquanto percorre cada elemento sob [a abóbada d]o ingente templo,
esperando pela rainha, então, qual fosse a fortuna da cidade,
[qual fosse] a habilidade dos artistas rivais e o esforço posto nas obras,
[com isso] se admira; vê as batalhas troianas em ordem,
e as guerras, já pela fama divulgadas em todo o mundo,
os Atridas e Príamo, e Áquiles a ambos cruel.

Firmou-se e, chorando, disse: “Qual lugar já, Acates,
qual região na terra não está cheia [da fama] de nossos esforços?
Eis Príamo! Até aqui [há] recompensa adequada para a honra;
há lágrimas pelos eventos, e a mortalidade toca as mentes.
Perde o medo; esta fama; te trará alguma salvação.”

Assim falou, e com a pintura insubstancial alimenta o espírito,
muito gemendo, e umedece a face com largo rio [de lágrimas].

refrega
geral

Namque uidebat, uti bellantes Pergama circum
hac fugerent Graii, premeret Troiana iuuentus,
hac Phryges, instaret curru cristatus Achilles.

Doloneida.

(≈ Niso e
Eurialo,
A.9.314-449)

470

Nec procul hinc Rhesi niueis tentoria uelis
adgnoscat lacrimans, primo quae prodita somno
Tydides multa uastabat caede cruentus,
ardentisque auertit equos in castra, prius quam
pabula gustassent Troiae Xanthumque bibissent.

Troilo:

(≈ Palante,
A.10.474-
509)

475

Parte alia fugiens amissis Troilus armis,
infelix puer atque impar congressus Achilli,
fertur equis, curruque haeret resupinus inani,
lora tenens tamen; huic ceruixque comaeque trahuntur
per terram, et uersa puluis inscribitur hasta.

mulheres e

Atena, cf.

Il.6.294ss:

(A.11.468-

485)

480

Interea ad templum non aequae Palladis ibant
crinibus Iliades passis peplumque ferebant,
suppliciter tristes et tunsae pectora palmis;
diua solo fixos oculos auersa tenebat.

Pois ele via como, guerreando ao redor de Pérgamo,
por aqui fugiam os gregos, [pois] premia a juventude troiana,
por ali fugiam os frígios, [pois] instava, valendo-se do carro, Aquiles com seu penacho.
E não longe daqui, as tendas de véus níveos de Reso
reconhece, deitando lágrimas, as quais, traídas no primeiro sono,
o Tidida sanguinolento devastava com muito morticínio,
e desvia os cavalos fogosos a seu acampamento, antes que
experimentassem os pastos de Tróia e bebessem do Xanto.

Em outra parte, Troilo fugindo, tendo perdido as armas,
miserável menino e resistência desigual para Aquiles,
é carregado por cavalos, e pende, revirado, no carro vazio,
ainda que segure as rédeas; sua cabeça e seus cabelos [são] arrastados
por terra, e a lança virada se inscreve na poeira.

No meio tempo, ao templo de Palas iníqua,
iam as troianas, com os cabelos desgrenhados, e carregavam o manto,
suplicantemente, tristes e golpeando o peito com as mãos;
a deusa, tendo-se esgueirado, mantinha os olhos fixos no solo.

Ilio tria fuisse audiui fata quae illi forent exitio:

signum ex arce si periisset; alterum etiamst Troili mors;

955 tertium, cum portae Phrygiae limen superum scinderetur:

paria item tria eis tribus sunt fata nostro huic Ilio.

(Pl.*Bacch.*953-956)

morte de Heitor, cf. Il.24.478ss: (≈ projeção morte de Turno, A.12)

Ter circum Iliacos raptauerat Hectora muros,
exanimumque auro corpus uendebat Achilles.
485 Tum vero ingentem gemitum dat pectore ab imo,
ut spolia, ut currus, utque ipsum corpus amici,
tendentemque manus Priamum conspexit inermis.
Se quoque principibus permixtum adgnouit Achiuis,
Eoasque acies et nigri Memnonis arma.

Pentesileia: (≈ Camila, A.11.648-835)

490 Ducit Amazonidum lunatis agmina peltis cf.11.603
Penthesilea furens, mediisque in milibus ardet,
aurea subnectens exsertae cingula mammae,
bellatrix, audetque uiris concurrere uirgo.

Haec dum Dardanio Aeneae miranda uidentur,
495 dum stupet, obtutuque haeret defixus in uno,
regina ad templum, forma pulcherrima Dido,
incessit magna iuuenum stipante caterua.

Três vezes em torno das muralhas de Troia a Heitor arrastara,
e a preço de ouro Aquiles vendia o corpo exânime.
Então com efeito emite, do fundo do peito, ingente gemido,
quando os espólios, quando os carros, quando o próprio corpo do amigo,
quando viu Príamo estendendo as mãos inermes.
A si também reconheceu misturado aos príncipes aqueus,
e os esquadrões da Aurora e as armas do negro Mêmnon.
Conduz as fileiras das amazonas, com escudos em forma lunar,
Pentesileia furibunda, e arde no meio dos soldados,
amarrado o boldrié de ouro sob um seio exposto,
guerreira, e, virgem, ousa enfrentar aos varões.

Enquanto essas coisas parecem admiráveis ao dardânio Enéas,
enquanto se estupefaz, e preso à mera contemplação, mantém-se parado,] a rainha – Dido, de belíssimo aspecto – ao templo adentra, estando rodeada por grande séquito de jovens.

“A **ordem dos relevos cartagineses** não é determinada nem pela cronologia dos eventos trpoamps. nem por seu tratamento em Homero, mas pelo **arranjo que Vergílio dá às cenas da guerra itálica aos quais os relevos correspondem**: Niso e Euríalo (9.314-449), Palante e Lauso (10.439-509 e 769-832), súplica a Minerva (11.475-485), rogo de Turno a Enéas (12.887-952). Há uma exceção a esse arranjo: a chegada e a aristeia de Camila ocorrem nos livros 7 e 11.) [...] Porém, a *pictura* em que Enéas alimenta sua esperança é com efeito *inanis* (1.464). A ironia é que as cenas que o confortam prefiguram tribulações semelhantes que ele logo precisará enfrentar, provações em que a *pietas* ou se mostrará ineficiente ou, em algum sentido, precisará dar espaço ao *furor*. No momento em que Enéas por primeiro sente esperança a partir de suas provações passadas, novas provações são sugeridas. Os relevos de Dido olham para trás e para frente: eles relembram uma angústia passada e prefiguram interminável sofrimento por vir.”

(S. LOWENSTAM. The Pictures on Juno’s Temple in the Aeneid. *The Classical World*, n. 87 (2), 1993, p. 37-49, aqui p. 43 e 49.)

1.2.2. Um exemplo iliádico: o duelo de Turno e Palante

DUELO DE TURNO E PALANTE

Interea soror alma monet succedere Lauso
440 Turnum, qui uolucris curru medium secat agmen.
ut uidit socios: 'tempus desistere pugnae;
solus ego in Pallanta feror, soli mihi Pallas
debetur; cuperem ipse parens spectator adesset.'
haec ait, et socii cesserunt aequore iusso.
445 at Rutulum abscessu iuuenis tum iussa superba
miratus stupet in Turno corpusque per ingens
lumina uoluit obitque truci procul omnia uisu,
talibus et dictis it contra dicta tyranni:
'aut spoliis ego iam raptis laudabor opimis
450 aut leto insigni: sorti pater aequus utrique est.
tolle minas.' fatus medium procedit in aequor;
frigidus Arcadibus coit in praecordia sanguis.
desiluit Turnus biuugis, pedes apparat ire
comminus; utque leo, specula cum uidit ab alta
455 stare procul campis meditantem in proelia taurum,
aduolat, haud alia est Turni uenientis imago.

No entretempo, a benfazeja irmã aconselha que substitua a Lauso Turno, o qual passa pelo meio das fileiras com o carro veloz, Quando vê os aliados, [diz:] “é tempo de abandonar a batalha; apenas eu avanço contra Palante; apenas a mim Palante é devido; desejaria que seu próprio genitor estivesse aqui como espectador.” Disse isso, e os aliados deixaram a planície ordenada. Com a partida dos rútilos, o jovem, então admirado com as ordens arrogantes, fica estupefato diante de Turno e pelo imenso corpo passa os olhos e examina tudo à distância, com semblante feroz e com os seguintes dizeres se contrapõe ao dito pelo tirano: “Eu logo serei louvado, seja pelos opulentos espólios tomados ou pela morte insigne: a meu pai ambos os desfechos se equivalem. Deixa de ameaças”. Tendo-o dito, prossegue ao meio da planície; o sangue dos árcades se condensa gelado nos peitos; Turno saltou de sua biga, e se prepara para ir a pé [lutar] de perto; e, como um leão, quando vê, de um alto posto, que à distância, no campo, ergue-se um touro cogitando um embate, se arremessa, não é a outra a figura de Turno que chega;

hunc ubi contiguum missae fore credidit hastae,
ire prior Pallas, si qua fors adiuuet ausum
uiribus imparibus, magnumque ita ad aethera fatur:
460 'per patris hospitium et mensas, quas aduena adisti,
te precor, Alcide, coeptis ingentibus adsis.
cernat semineci sibi me rapere arma cruenta
uictoremque ferant morientia lumina Turni.'
audiit Alcides iuuenem magnumque sub imo
465 corde premit gemitum lacrimasque effundit inanis.
tum genitor natum dictis adfatur amicis:
'stat sua cuique dies, breue et irreparabile tempus
omnibus est uitae; sed famam extendere factis,
hoc uirtutis opus. Troiae sub moenibus altis
470 tot gnati cecidere deum, quin occidit una
Sarpedon, mea progenies; etiam sua Turnum
fata uocant metasque dati peruenit ad aeuu.'
sic ait, atque oculos Rutulorum reicit aruis.

Quando acreditava que ele estivesse à distância do arremesso de uma lança,
Palante foi primeiro, na esperança e que a sorte ajudasse o que ousou
com forças desiguais, e assim fala aos céus, com alta voz:
“Pela hospitalidade de meu pai e pelas mesas a que te juntaste,
como estrangeiro,
te imploro, Alcida, apoia os ingentes feitos que empreendi.
Que os olhos moribundos de Turno semi-morto vejam-me tomar
as armas ensanguentadas e me suportem vencedor.”
O Alcida ouviu o jovem e, no fundo do coração,
sufoca um grande gemido e derrama lágrimas vãs.
Então, o genitor se dirige ao filho com palavras amigáveis:
“Para cada um, ergue-se o seu dia; é breve e irreparável o tempo
de vida de cada um; porém, estender o renome com os fatos,
esta é a obra da virtude. Sob as altas muralhas de Troia,
caíram tantos filhos de deuses, morreu mesmo, junto com eles,
Sarpédon, meu rebento; também a Turno
chamam seus Fados, e ele chega ao limite do tempo que lhe foi acordado.”
Assim disse, e desviou os olhos dos campos dos rútuos.

At Pallas magnis emittit uiribus hastam
475 uaginaque caua fulgentem deripit ensem.
illa uolans umeri surgunt qua tegmina summa
incidit, atque uiam clipei molita per oras
tandem etiam magno strinxit de corpore Turni.
hic Turnus ferro praefixum robur acuto
480 in Pallanta diu librans iacit atque ita fatur:
'aspice num mage sit nostrum penetrabile telum.'
dixerat; at clipeum, tot ferri terga, tot aeris,
quem pellis totiens obeat circumdata tauri,
uibranti cuspis medium transuerberat ictu
485 loricaeque moras et pectus perforat ingens.

Já Palante atira a lança com muita força
e tira a espada refulgente da bainha oca.
Ela, voando, lá onde as proteções superiores do ombro se alçam
caiu, e forçando caminho através das bordas do escudo,
enfim raspou no grande corpo de Turno.
Por sua vez, Turno, balançando o carvalho afixado com ferro afiado
longamente, lança-o contra Palante e assim fala:
“Vê se nossa arma penetra melhor.”
Falou. Mas ao escudo – tantas camadas de ferro, tantas de bronze,
o qual mesmo tendo sido tantas vezes envolvido em pele de touro –,
a ponta atravessa-o no meio com o impulso vibrante
e perfura o obstáculo da couraça e o amplo peito.

ille rapit calidum frustra de uulnere telum:
una eademque uia sanguis animusque sequuntur.
corrui in uulnus (sonitum super arma dedere)
et terram hostilem moriens petit ore cruento.
490 quem Turnus super adsistens:
'Arcades, haec' inquit 'memores mea dicta referte
Euandro: qualem meruit, Pallanta remitto.
quisquis honos tumuli, quidquid solamen humandi est,
largior. haud illi stabunt Aeneia paruo
495 hospitia.' et laeuo pressit pede talia fatus
exanimem rapiens immania pondera baltei
impressumque nefas: una sub nocte iugali
caesa manus iuuenum foede thalamique cruenti,
quae Clonus Eurytides multo caelauerat auro;
500 quo nunc Turnus ouat spolio gaudetque potitus.

Ele arrancou a arma quente, em vão, da ferida:
por uma só e mesma via, o sangue e a alma se seguem.
Ele ruiu sobre a ferida (ademais, as armas emitiram um alarido)
e, com a boca ensanguentada, alcançou a terra hostil, morrendo.
Por cima dele, pondo-se ao lado, Turno disse:
“Árcades, as seguintes palavras minhas reportai, lembrando-se,
a Evandro: devolvo Palante tal qual ele mereceu.
Qualquer honra sepultura, qualquer consolo de enterrá-lo que haja,
eu o dou com largueza. Não custará pouco a ele a hospitalidade
dada a Enéas.” E, tendo-o dito, com o pé esquerdo premeu
[Palante] sem vida, tomando o imenso peso do cinturão,
e o [episódio] nefasto impresso [nele]: sob uma única noite de núpcias,
a facção ignominiosamente abatida dos jovens e os leitos conjugais
ensanguentados
que Clono, filho de Êurito, gravara com muito ouro;
espólios com os quais, tendo-os capturado, Turno se exulta e se alegra.

nescia mens hominum fati sortisque futurae
et seruare modum rebus sublata secundis!
Turno tempus erit magno cum optauerit emptum
intactum Pallanta, et cum spolia ista diemque
505 oderit. at socii multo gemitu lacrimisque
impositum scuto referunt Pallanta frequentes.
o dolor atque decus magnum rediture parenti,
haec te prima dies bello dedit, haec eadem aufert,
cum tamen ingentis Rutulorum linqvis aceruos!

O mente humana, ignorante do Fado e da sorte que está por vir,
e [ignorante] de manter a medida, elevada pelas circunstâncias favoráveis!
Haverá para Turno o momento em que desejará ter comprado, a alto preço,
Palante intacto, e em que, junto com estes espólios, a este dia
odiará. Mas os muitos companheiros, com grande gemido e lágrimas,
transportam Palante, posto sobre o escudo.
Ó tu, que retomarás ao pai como [grande] dor e grande honra,
este primeiro dia te deu à guerra, e ele mesmo te toma,
embora deixes imensas pilhas de rútuos.

ILÍADA (16.419-507)	ENEIDA (10.439-509)
<p data-bbox="657 82 1014 115">[cena no campo de batalha]</p> <p data-bbox="657 139 1256 337">vv. 419-426: Sarpédon repreende seus companheiros dominados por Pátroclo, afirma que ele enfrentará P. sozinho e salta para o chão;</p> <p data-bbox="657 368 670 386">-</p> <p data-bbox="657 586 1256 672">vv. 427-430: Pátroclo vê Sarpédon e salta do carro; símile do abutre;</p> <p data-bbox="657 704 670 722">-</p>	<p data-bbox="1276 82 1633 115">[cena no campo de batalha]</p> <p data-bbox="1276 139 1875 337">vv. 439-444: a irmã de Turno o aconselha a se voltar para Lauso, e Turno diz que os companheiros devem se afastar, pois enfrentará sozinho Palante;</p> <p data-bbox="1276 368 1875 565">vv. 445-452: Palante se assusta com o físico de Turno e responde às ameaças, afirmando que o pai aprova que ele ganhe ou que morra com honra;</p> <p data-bbox="1276 586 1875 672">vv. 453-456: Turno salta do carro e se apronta para avançar; símile do leão;</p> <p data-bbox="1276 704 1875 789">vv. 457-463: súplica de Palante a Hércules por ajuda</p>
<p data-bbox="657 811 886 843">[cena no Olimpo]</p> <p data-bbox="657 868 1256 1008">vv. 431-438: Zeus se apieda de Sarpédon e se dirige a Hera, afirmando ter dúvidas se deve salvar Sarpédon ou deixá-lo morrer;</p> <p data-bbox="657 1039 1256 1293">vv. 439-457: Hera responde a Zeus, demovendo-o da ideia de salvar Sarpédon, o que revoltaria os demais deuses, sugerindo-lhe que permita que seu corpo seja levado para a Lícia para receber honras fúnebres;</p> <p data-bbox="657 1325 1256 1410">vv. 458-461: Zeus concorda com Hera, mas chora sangue sobre a terra;</p>	<p data-bbox="1276 811 1505 843">[cena no Olimpo]</p> <p data-bbox="1276 868 1875 953">vv. 464-465: Hércules ouve o pedido de Palante e chora em vão</p> <p data-bbox="1276 1039 1875 1236">vv.466: Júpiter consola Hércules lhe dizendo que todos têm seu dia para morrer – como outrora seu próprio filho Sarpédon –, mas podem se destacar pela virtude;</p> <p data-bbox="1276 1325 1875 1410">vv. 473: Júpiter afasta os olhos do campo dos rútilos;</p>

[cena no campo de batalha]

vv. 462-476: Pátroclo mata o escudeiro de Sarpédon, e Sarpédon acerta a lança contra o cavalo de Pátroclo, que morre; os outros cavalos são desembaraçados por Automedonte, lanceiro.

vv. 477-479: Sarpédon erra novamente o arremesso da lança, que passa por cima do ombro de Pátroclo sem atingi-lo;

vv. 480-491: Pátroclo acerta dardo e mata Sarpédon (símile do leão e do touro), que cai como uma árvore (símile);

vv. 492-501: Sarpédon moribundo chama por seu companheiro Glauco, pedindo que não seja despido das armas;

vv. 502-507: Sarpédon morre, e Pátroclo apoia o pé em seu peito, arrancando a lança.

-

[cena no campo de batalha]

-

vv. 474-478: Palante arremessa sua lança contra Turno, mas a lança apenas arranha seu ombro;

vv. 479-489: Turno arremessa seu dardo, que penetra no escudo e na armadura de Palante, e o mata, apesar de Palante arrancar antes a lança de seu peito;

-

vv. 490-500: Turno se põe ao lado dele e, premendo-o com o pé esquerdo, arranca o cinturão, cinzelado com imagens das Danaides.

vv. 501-509: intervenção do poeta, que apostrofa a mente humana, que desconhece o destino, predizendo o fim próximo de Turno, e o próprio Palante, razão de dor e honra para o pai – seu corpo é retirado sobre um escudo.

1.2.3. Um exemplo odissíaco: a tempestade

Vix e conspectu Siculae telluris in altum
35 uela dabant laeti et spumas salis aere ruebant,
cum Iuno aeternum seruans sub pectore uolnus
haec secum: ‘mene incepto desistere uictam
nec posse Italia Teucrorum auertere regem?
quippe uetor fatis. Pallasne exurere classem
40 Argium atque ipsos potuit submergere ponto
unius ob noxam et furias Aiacis Oilei?
ipsa Iouis rapidum iaculata e nubibus ignem
disiecitque rates euertitque aequora uentis,
illum expirantem transfixo pectore flammam
45 turbine corripuit scopuloque infixit acuto;
ast ego, quae diuum incedo regina Iouisque
et soror et coniunx, una cum gente tot annos
bella gero. et quisquam numen Iunonis adorat
praeterea, aut supplex aris imponet honorem?’

Mal da visão da terra sícula ao alto [mar]
velejavam felizes e com o bronze empurravam as espumas da água,
quando Juno, guardando a eterna ferida no peito,
consigo [disse] o seguinte: “Eu, vencida, abandonar o que comecei
e não poder da Itália afastar o rei dos teucros?
Pois bem, proibem-me os fados. E Palas, queimar a frota
dos argivos e os submergir não pôde no pélagos,
pelos crimes de um só, pelos furores de Ajax, filho de Ieu?
A própria, tendo lançado das nuvens o rápido fogo de Júpiter,
dispersou as naus e revolveu as planícies [marítimas] com os ventos
[e] a ele, que espirava flamas do peito atravessado,
tomou em um turbilhão e fixou em uma rocha pontiaguda.
Já eu, que marcho como rainha dos deuses e de Júpiter
tanto irmã como esposa, contra um povo há tantos anos
movo uma guerra! E alguém adorará o poder de Juno
depois disso ou deporá, suplicante, uma oferenda em seus altares?”

50 Talia flammato secum dea corde uolutans
nimborum in patriam, loca feta furentibus Austris,
Aeoliam uenit. Hic uasto rex Aeolus antro
luctantis uentos tempestatesque sonoras
imperio premit ac uinclis et carcere frenat.
55 illi indignantes magno cum murmure montis
circum claustra fremunt; celsa sedet Aeolus arce
sceptra tenens mollitque animos et temperat iras.
ni faciat, maria ac terras caelumque profundum
quippe ferant rapidi secum uerrantque per auras;
60 sed pater omnipotens speluncis abdidit atris,
hoc metuens, molemque et montis insuper altos
imposuit, regemque dedit qui foedere certo
et premere et laxas sciret dare iussus habenas.
ad quem tum Iuno supplex his uocibus usa est:

Tais palavras revolvendo em seu coração inflamado, a deusa à pátria dos nimbos, regiões prenhes de austros furibundos, chega à Eólia. Aqui, em vasta gruta, o rei Éolo aos ventos combatentes e às sonoras tempestades comprime com seu mando e freia com correntes e cadeia. Eles, revoltados, com grande murmúrio, as montanhas tremem em torno das clausuras; Éolo se senta em elevada fortaleza, segurando os cetros, e arrefece os ânimos e modera as iras. Se não o fizer, [os ventos] aos mares, às terras e ao céu altíssimo, com certeza, rápidos, levarão consigo e varrerão pelos ares. Porém, o pai onipotente [os] escondeu em negras cavernas, temendo isso, e por cima uma grande massa e altas montanhas posicionou, e [lhes] deu um rei, que, segundo estipulação precisa, soubesse, seguindo ordens, puxas as rédeas e soltá-las. Então, suplicando a ele, Juno valeu-se das seguintes palavras:

65 ‘Aeole, namque tibi diuum pater atque hominum rex
et mulcere dedit fluctus et tollere uento,
gens inimica mihi Tyrrhenum nauigat aequor
Ilium in Italiam portans uictosque penates:
incute uim uentis submersasque obrue puppes,
70 aut age diuersos et dissice corpora ponto.
sunt mihi bis septem praestanti corpore Nymphae,
quarum quae forma pulcherrima Deiopea,
conubio iungam stabili propriamque dicabo,
omnis ut tecum meritis pro talibus annos
75 exigat, et pulchra faciat te prole parentem.’

Aeolus haec contra: ‘tuus, o regina, quid optes
explorare labor; mihi iussa capessere fas est.
tu mihi, quodcumque hoc regni, tu scepra Iouemque
concilias, tu das epulis accumbere diuum,
80 nimborumque facis tempestatumque potentem.’

Haec ubi dicta, cauum conuersa cuspide montem
impulit in latus; ac uenti, uelut agmine facto,
qua data porta, ruunt et terras turbine perflant.
incubuere mari, totumque a sedibus imis
85 una Eurusque Notusque ruunt creberque procellis
Africus, et uastos uoluunt ad litora fluctus;
insequitur clamorque uirum stridorque rudentum.

“Éolo, pois que a ti o pai dos deuses e rei dos homens
atribuiu [o poder de] acalmar as vagas e de erguê-las com o vento,
[digo-te que] um povo que me é inimigo singra o mar Tirreno,
carregando Ílio à Itália e os Penates vencidos [e te peço]:
incute força aos ventos e destrói, submersas, as naus,
ou dispersa-as e espalha os corpos no pélagos.
Eu tenho duas vezes sete Ninfas de excelente compleição,
das quais Deiopeia é a de mais belo aspecto,
[e a ela,] em estável matrimônio te unirei e ofertarei como tua,
para que contigo, por tais favores, todos os anos
consuma, e te faça pai com bela prole.”

Éolo, em face dessas palavras: “É teu, ó rainha, o trabalho
de sondar o que queres; é lei divina que eu acolha o que é ordenado.
Tu a mim associas o que tenho deste reino, os cetros e Júpiter,
tu permites que me recline nos banquetes dos deuses,
[tu] me tornas poderoso sobre os nimbos e as tempestades.”

Após dizer essas palavras, virada a ponta [do cetro], à montanha oca
golpeou no flanco, e os ventos, como uma tropa enfileirada,
irrompem pela porta que foi concedida e sopram as terras de todo lado.
Deitaram-se sobre o mar, e a ele todo, de suas sedes mais profundas,
a um só tempo, impelem o Euro e o Noto e, denso em procelas,
o Áfrico, e revolvem às costas amplas vagas.
Segue-se o clamor dos homens e o estalo das cordas.

eripiunt subito nubes caelumque diemque
Teucrorum ex oculis; ponto nox incubat atra;
90 intonuere poli, et crebris micat ignibus aether,
praesentemque uiris intentant omnia mortem.

Extemplo Aeneae soluuntur frigore membra;
ingemit et duplicis tendens ad sidera palmas
talìa uoce refert: ‘o terque quaterque beati,
95 quis ante ora patrum Troiae sub moenibus altis
contigit oppetere! o Danaum fortissime gentis
Tydide! mene Iliacis occumbere campis
non potuisse tuaque animam hanc effundere dextra,
saeuus ubi Aeacidae telo iacet Hector, ubi ingens
100 Sarpedon, ubi tot Simois correpta sub undis
scuta uirum galeasque et fortia corpora uoluit!’

Subitamente as nuvens retiram o céu e o dia
aos olhos dos teucros; uma negra noite se deita sobre o pélagos.
Os polos tonitruam, e o éter palpita com fogos densos,
e tudo ameaça aos varões com uma morte iminente.

Incontinenti, os membros de Enéas se esmaecem com um calafrio:
solta um gemido, e estendendo ambas as palmas para os astros,
expressa-se nos seguintes termos: “Ó três e quatro vezes afortunados
aqueles a quem coube, diante das faces dos pais, sob as altas muralhas
de Troia, encontrar [a morte]! Ó, mais forte da estirpe dos dânaos,
Tidida! Ah, nos campos iliádicos cair eu
não ter podido, e pela tua destra espirar esta alma,
onde o feroz Heitor jaz pela arma do Eácida, onde o imenso
Sarpédon, onde, caídos sob as ondas, o Simóis
tantos escudos e capacetes e fortes varões revolve!”

Talia iactanti stridens Aquilone procella
uelum aduersa ferit, fluctusque ad sidera tollit.
franguntur remi; tum prora auertit, et undis
105 dat latus, insequitur cumulo praeruptus aquae mons.
hi summo in fluctu pendent, his unda dehiscens
terram inter fluctus aperit: furit aestus harenis.
tris Notus abreptas in saxa latentia torquet
— saxa uocant Itali mediis quae in fluctibus Aras,
110 dorsum immane mari summo —, tris Eurus ab alto
in breuia et Syrtis urget (miserabile uisu),
inluditque uadis atque aggere cingit harenae.
unam, quae Lycios fidumque uehebat Oronten,
ipsius ante oculos ingens a uertice pontus
115 in puppim ferit: excutitur pronusque magister
uoluitur in caput, ast illam ter fluctus ibidem
torquet agens circum et rapidus uorat aequore uortex.
apparent rari nantes in gurgite uasto,
arma uirum tabulaeque et Troia gaza per undas.
120 iam ualidam Ilionei nauem, iam fortis Achatii,
et qua uectus Abas, et qua grandaeuus Aletes,
uicit hiems; laxis laterum compagibus omnes
accipiunt inimicum imbrem rimisque fatiscunt.

Enquanto lançava essas palavras, uma procela, com o Aquilão estalando,
se abate diretamente contra sua vela e leva as vagas aos astros.
Quebram-se os remos; então a proa se vira e às ondas
fornece um flanco; surge, em um cúmulo, uma montanha de água.
Uns estão pendurados no cume das vagas; a outros, a onda, entreabrindo-se,
abre a terra entre as vagas; a maré se enfurece com areia.
O Noto revira três [naus], tomadas, contra rochedos latentes —
os ítalos chamam “Altares” às rochas que há no meio das vagas,
dorso prodigioso na superfície do mar —; o Euro do alto [mar] três [naus]
impele aos baixios e aos areais (penoso de ver!),
e as lanças com as ondas e recobre com uma massa de areia.
A uma, sozinha, que conduzia os lícios e o fiel Orontes,
diante de seus próprios olhos [de Enéas], o amplo mar por cima
se abate contra a popa; o comandante é arremessado e, caído,
precipita-se de cabeça para baixo; mas a esta a vaga, no mesmo lugar,
a faz girar, rodeando-a, a um rápido vórtice a devora na planície [do mar].
Surgem, isolados, nadadores na ampla massa d’água,
armas de varões, pranchas, e tesouros de Troia pelas ondas.
Enfim, à robusta nau de Ilioneu, à do forte Acates,
e àquela em que Abas era conduzida, e àquela em que o era o mui-vivido Aletes,
a tempestade venceu; pelas juntas afrouxadas dos flancos, todas
acolhem a chuva inimiga, e pelas fissuras se fendem.

125 Interea magno misceri murmure pontum,
emissamque hiemem sensit Neptunus et imis
stagna refusa uadis, grauiter commotus, et alto
prospiciens summa placidum caput extulit unda.
disiectam Aeneae toto uidet aequore classem,
fluctibus oppressos Troas caelique ruina;
130 nec latuere doli fratrem Iunonis et irae.
Eurum ad se Zephyrumque uocat, dehinc talia fatur:

‘Tantane uos generis tenuit fiducia uestri?
iam caelum terramque meo sine numine, uenti,
miscere, et tantas audetis tollere moles?
135 quos ego...! sed motos praestat componere fluctus.
post mihi non simili poena commissa luetis.
mature fugam regique haec dicite uestro:
non illi imperium pelagi saeuumque tridentem,
sed mihi sorte datum. tenet ille immania saxa,
140 uestras, Eure, domos; illa se iactet in aula
Aeolus, et clauso uentorum carcere regnet.’

Enquanto isso, o mar remexer-se com grande murmúrio e a tempestade enviada, percebeu-o Netuno, e das mais profundas ondas as águas relançadas, severamente perturbado; e, do alto [mar] prospectando, elevou a plácida cabeça do topo da onda. Vê a frota dispersada de Enéas por toda a planície, os troianos oprimidos pelas vagas e a ruína do céu, e não passaram despercebidos ao irmão os dolos e as iras de Juno. Chama até si o Euro e o Zéfiro, e então diz as seguintes palavras:

“Tomou-vos tamanha confiança em vossa descendência? Já sem minha autorização, ó ventos, o céu e a terra misturar, e ousaste tamanhas massas erguer? Os quais eu...! Mas antes de tudo deve-se aplacar as vagas remexidas. Depois, purgareis o que fizestes, [pagando-]me com bem distinta pena. Apressai vossa partida e dizei o seguinte ao vosso rei: não são dele a autoridade sobre o mar e o feroz tridente, mas a mim foram dados por sorteio. Ele detém prodigiosos rochedos, as vossas moradas, Euro; que em uma tal corte se jacte Éolo, e reine na prisão fechada dos ventos.”

ODISSEIA	ENEIDA
PREPARAÇÃO	
<p>Posídon vê Odisseu chegando à Feácia e, apesar de reconhecer que está destinado a escapar às fores, decide persegui-lo (5.282-290);</p>	<p>Após ver os troianos velejando de volta da Sicília, Juno lamenta não poder contrariar os fados (1.34-49);</p>
<p>Odisseu chega na ilha de Éolo (10.1-2);</p>	<p>Desloca-se para a gruta de Éolo (1.50-52);</p>
<p>Descrição do palácio de Éolo e da acolhida que lá tiveram por um mês (10.3-16), com remissão à função de Éolo (10.21-22);</p>	<p>Descrição da gruta de Éolo (1.52-63);</p>
<p>Os companheiros abrem o saco de ventos e desencadeiam a tempestade (10.46-55).</p>	<p>Juno pede a Éolo que solte os ventos contra os troianos (1.64-75);</p>
<p>-</p>	<p>Éolo concorda e acata a ordem de Juno (1.76-80).</p>
ATAQUE	
<p>Netuno reúne as nuvens e incita todos os ventos (5.291-294);</p>	<p>Éolo solta os ventos (1.81-86);</p>
<p>Anúncio da tempestade, escuridão e zunido dos ventos, onda (5.294-296) (cf. Od.10.122; Od.12.415);</p>	<p>Anúncio da tempestade, gritaria, escuridão e relâmpagos (1.87-91);</p>
<p>Monólogo de Odisseu, que preferiria ter morrido em Troia junto aos heróis e tido sepultura e ritos fúnebres (5.297-312).</p>	<p>Monólogo de Enéas, que desejaria ter morrido em Troia junto aos heróis (1.92-101);</p>

EFEITOS

Caída no mar, destruição da jangada, Odisseu afunda no mar (5.313-323) (cf. Od.12.410-414; Od.12.67-68);

Odisseu se agarra ao que sobrou da jangada para se salvar (5.324-332).

Destruição da nau de Enéas pelo Aquilão, de três naus pelo Noto, três pelo Euro e outra por uma maré imensa (1.102-117);

Despojos flutuam no mar (1.118-123).

INTERVENÇÃO

Ino percebe as desventuras de Odisseu e se apieda dele (5.333-336);

Ino se dirige a Odisseu com conselhos, para que se dispa, deixe a jangada e nade até os feácios, presenteando-o com um véu (5.337-350);

Odisseu reluta em seguir as ordens, e Posídon lança uma onda para desfazer as pranchas da jangada, antes de ir embora para Egas (5.351-381).

Atena acalma os outros ventos e faz soprar apenas Bóreas para ajudar o nado de Odisseu (5.382-387), as águas se amainam e vem o símile do velho doente que se recupera (5.388-399).

Odisseu tem dificuldades para chegar à terra firme, mas o rio atende às suas preces, até chegar à terra (5.400-463).

Netuno percebe a tempestade e o logro de Juno (1.124-130);

Netuno se dirige com ameaças a Euro e Zéfiro e afirma sua supremacia no mar (1.131-141);

-

Netuno amaina as águas (1.142-147), com o primeiro símile do poema, do piedoso que amaina a discórdia (1.148-156);

Troianos se salvam chegando às costas da Líbia (1.157-158).

1.3. Sentido da transformação do modelo homérico

(Il.6.244)

πεντήκοντ' ἔνεσαν θάλαμοι ξεστοῖο λίθοιο

“havia cinquenta tálamos de pedra bem polida”

(A.2.503)

quinguaginta illi thalami, spes tanta nepotum

“aqueles cinquenta tálamos, esperança tão grande de descendência”

“A extrema proximidade para com o modelo (na primeira parte do verso, até a cesura pentemímera, os sons e ritmos são os mesmos, como se fosse a mesma linguagem a produzi-los) claramente revela a própria dificuldade e o original equilíbrio buscados por Vergílio. O desafio que ele lança é o seguinte: quanto mais o novo texto, infundido por uma subjetividade patética, se apegava ao antigo modelo, impessoal, objetivo, composto de coisas, tanto o mais a nova voz se faz sentida, moderna, sentimental e reflexiva.” (G. B. CONTE. *The Virgilian Paradox: an epic of drama and sentiment. Proceedings of the Cambridge Philological Society*, n. 45, 1999, p. 17-42, aqui p. 21.)

Poesia ingênua e sentimental (1795-96)

“Já por seu conceito os poetas são em toda parte os *guardiães* da natureza. Onde já não o possam ser completamente, onde já tenham experimentado em si mesmos a influência de formas arbitrárias a artificiais ou tenham tido de combatê-la, surgirão como *testemunhas* ou *vingadores* da natureza. Serão natureza ou buscarão a natureza perdida. Daí nascem duas maneiras poéticas de criar completamente distintas, mediante as quais se esgota e mede todo o domínio da poesia. Todos os qe realmente são poetas pertencerão ou aos *ingênuos* ou aos *sentimentais*, conforme seja constituída a época em que florescem ou conforme condições acidentais exerçam influência sobre a formação geral ou sobre a disposição momentânea de suas mentes.”

(F. SCHILLER. *Poesia ingênua e sentimental*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 57.)

A noção de poesia

“Aplicando-se, então, àqueles dois estados o conceito de poesia, que não é outro senão o de *dar à humanidade a sua expressão mais completa possível*, resulta que, no estado de simplicidade natural, onde o homem ainda atua simultaneamente com todas as suas forças como uma unidade harmônica, onde, por conseguinte, o todo de sua natureza se exprime plenamente na realidade, *o que tem de constituir o poeta é a imitação mais completa possível do real* – que no estado de cultura, ao contrário, onde o atuar em conjunto harmônico de toda a natureza é apenas uma Ideia, *o que tem de constituir o poeta é a elevação da realidade ao Ideal* ou, o que dá no mesmo, *é a exposição do Ideal*. E estas são também as duas únicas maneiras possíveis nas quais em geral pode se manifestar o gênio poético.”

(F. SCHILLER. *Poesia ingênua e sentimental*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 61.)

O poeta ingênuo

“O poeta de um mundo juvenil ingênuo e cheio de espírito, bem como o que dele mais se aproxima nas épocas de cultura artificial, é severo e retraído, como em seus bosques a virgem Diana; sem nenhuma intimidade, foge do coração que o busca, do desejo que quer envolvê-lo. A seca verdade com que trata o objeto aparece não raro como insensibilidade. O objeto o possui por inteiro; seu coração não jaz, como um metal ruim, logo abaixo da superfície, mas quer, como o ouro, ser procurado na profundidade. Está por detrás da obra, assim como a divindade está por detrás do edifício do mundo; ele é a obra, e a obra, ele; é preciso não ser digno, não estar à altura ou já estar dela enfastiado para perguntar tão-só por ele. É assim que se mostram, por exemplo, **Homero entre os antigos** e Shakespeare entre os modernos.”

(F. SCHILLER. *Poesia ingênua e sentimental*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 57.)

O poeta sentimental

“Algo de todo diverso ocorre com o poeta sentimental. Este reflete sobre a impressão que os objetos lhe causam e tão-somente nessa reflexão funda-se a comoção a que ele próprio é transportado e nos transporta. O objeto, aqui, é referido a uma Ideia, e sua força poética reside apenas nessa referência. Por isso, o poeta sentimental sempre tem de lidar com duas representações e sensações conflitantes, com a realidade enquanto limite e com sua Ideia enquanto infinito, e o sentimento misto que desperta sempre testemunhaá essa dupla fonte.”

(F. SCHILLER. *Poesia ingênua e sentimental*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 64.)

O poeta sentimental 2

“À medida que a natureza foi, pouco a pouco, desaparecendo da vida humana como experiência e como sujeito (agente e paciente), nós a vemos assomar no mundo poético como Idéia e como objeto. [...] **Horácio**, o poeta de uma época do mundo cultivada e corrompida, exalta a tranquila felicidade em sua Tíbure, e poder-se-ia chama-lo o verdadeiro fundador do gênero poético sentimental, nele também sendo um modelo ainda não suplantado. Em Propércio, **Virgílio** e outros, também se encontram traços dessa maneira de sentir.”

(F. SCHILLER. *Poesia ingênua e sentimental*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 56-57.)

1.3.1. Narração objetiva e subjetiva

“O narrador homérico se mantém, com sua emocionalidade, como que escondido por detrás de sua representação. Os isolados bafejos ‘autorais’ dizem menos respeito a esse domínio que o complexo de reflexão crítico-distanciada/esclarecedora. No entanto, mesmo nesse ponto, a epopeia homérica mantém a maior contenção: seu narrador permanece, em grande parte (para falar como Goethe), ‘por detrás de uma cortina’; ele fala (assim diz Aristóteles) ‘o menos possível em sua própria pessoa’.” (B. EFFE. *Epische Objektivität und subjektives Erzählen: ‘Auktoriale’ Narrativik von Homer bis zum römischen Epos der Flavierzeit*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2004, p. 23)

Os pontos em que, muito suavemente, há algum bafejo autoral desse tipo se encontram sobretudo na Patrocleia: 16.684-693. Segundo Effe, “só nesta ocasião é que o narrador da *Ilíada* se deixa provocar pela situação excepcional, quebrando assim a sua ‘neutralidade’ épica de forma tão autoral”. (EFFE, *Epische Objektivität und subjektives Erzählen, op. cit.*, p. 21)

Il.16.684-697

Πάτροκλος δ' ἵπποισι καὶ Αὐτομέδοντι κελεύσας
685 Τρῶας καὶ Λυκίους μετεκίαθε, καὶ μέγ' ἀάσθη
νήπιος: εἰ δὲ ἔπος Πηληϊάδαο φύλαξεν
ἧ τ' ἂν ὑπέκφυγε κῆρα κακὴν μέλανος θανάτοιο.
ἀλλ' αἰεὶ τε Διὸς κρείσσων νόος ἢ ἐπερ ἀνδρῶν:
ὅς τε καὶ ἄλκιμον ἄνδρα φοβεῖ καὶ ἀφείλετο νίκην
690 ῥηϊδίως, ὅτε δ' αὐτὸς ἐποτρύνησι μάχεσθαι:
ὅς οἱ καὶ τότε θυμὸν ἐνὶ στήθεσσι ἀνῆκεν.

ἔνθα τίνα πρῶτον τίνα δ' ὕστατον ἐξενάριξας
Πατρόκλεις, ὅτε δὴ σε θεοὶ θάνατον δὲ κάλεσαν;
Ἄδρηστον μὲν πρῶτα καὶ Αὐτόνοον καὶ Ἐχεκλον
695 καὶ Πέριμον Μεγάδην καὶ Ἐπίστορα καὶ Μελάνιππον,
αὐτὰρ ἔπειτ' Ἐλασον καὶ Μούλιον ἠδὲ Πυλάρτην:
τοὺς ἔλεν: οἱ δ' ἄλλοι φύγαδε μνώοντο ἕκαστος.

Ora Pátroclo chamou por seus cavalos e por Automedonte e seguiu atrás de Troianos e Lícios, grandemente desvairado, o estulto! Pois se tivesse acatado a palavra do Pelida, teria escapado ao fado malévolos da negra morte. Mas a intenção de Zeus é sempre superior à dos homens, ele que põe em fuga o homem corajoso e facilmente o defrauda da vitória, quando ele próprio incita ao combate. Foi Zeus que agora lançou ímpeto no peito de Pátroclo.

Quem primeiro e quem por último, ó Pátroclo, mataste, quando os deuses te chamaram para a morte? Primeiro mataste Adrasto e Autónoo e Équeclo; e Périmo, filho de Megas, e Epistor e Melanipo; e de seguida Élaso e Múlio e Pilartes: matou estes. Os demais, cada um deles, pensaram em fugir.

fórmula νήπιος, reduzida: A.9.727ss; 6.172

cf. fórmulas de nefas: A.1.111, 439; 4.182, 44; 7.73; 8.6888; 2.20412.503ss; 1.11; 4.65ss

comparar Il.17.198ss e A.10.501ss

“A comparação destas passagens (e.g, 10.507; 3.708ss) e passagens comparáveis da epopeia homérica - e.g. 16.783ss (Morte de Pátroclo) e 22.306ss (Morte de Heitor) - revela a enorme distância e a inovação decisiva e determinante para o futuro no estilo épico da *Eneida*: lá, quando muito, um indício extremamente contido e indireto da aceitação simpática do narrador, aqui a sua emergência ‘lírica’ com os seus próprios pensamentos e sentimentos. Esse momento de subjetividade emocional é um elemento essencial da modernidade da epopeia augustana, que, de outro modo, se apresenta tão consciente da tradição e, como tal, poderia tornar-se constitutivo do género para a futura poesia épica latina. Vergílio rompeu com uma antiga norma de género narrativo e estabeleceu uma nova convenção.” (EFFE, *Epische Objektivität und subjektives Erzählen*, *op. cit.*, p. 46.)

Vergílio e a tragédia

“O texto dramático, por sua própria forma constitutiva, é moldado para expor direitos em choque, conflito interpessoal e a oposição de verdades individuais. Os grandes poetas dramáticos haviam inventado a arte de liberar as vozes de outros homens e mulheres; Vergílio, o poeta épico do sentimento, aprendeu com eles como conceder um pouco de espaço a essas vozes individuais, tornando-se sua testemunha e seu campeão. [...] Uma vez recebendo o direito a uma audiência, as diferentes vozes entram em disputa pela verdade do texto, continuamente relativizando-o e saturando-o com subjetividade; o enquadramento ideológico de referência da Eneida é formado por uma pluralidade de verdades parciais competindo uma com a outra.” (G. B. CONTE. *The Virgilian Paradox*, op. cit., p. 25-26.)

“O texto vergiliano, para incrementar seu poder estético e literário, multiplica pontos de vista subjetivos e dá voz a direitos em conflito. Porém, ao fazê-lo, corre o risco de criar uma dialética que seria disruptiva se não mantida sob controle. [...] Vergílio, o poeta épico tão marcado pelo poder da poesia trágica, não podia fazer demasiadas concessões à pressão estrutural da forma dramática. Ele podia dar espaço à dialética entre pontos de vista, mas sob a condição de que eles permanecessem subordinados a uma objetividade épica; ele precisava corrigir os efeitos de sua fragmentação e fornecer uma visão reunificadora e positiva.” (IDEM, *Ibidem*, p. 37.)

O policentrismo da *Eneida*

“O policentrismo da *Eneida*, exatamente porque ela apresenta vários pontos de vista lado a lado, ao mesmo tempo em que os mantém independentes e distintos, imobiliza a estrutura textual, fazendo com que ela apareça como uma multiplicidade de perspectivas que coexistem sem se tornar parte de um processo efetivamente dramático. O único conflito possível em que as personagens da *Eneida* podem sem envolver, ao serem tomados em um processo de começar a saber e a entender o mundo, deriva de seu encontro (um encontro que é, na verdade, um embate) com Enéas, ou, mais exatamente, com os Fados que ele expressa.” (G. B. CONTE. *Virgil's Aeneid: toward an interpretation* [1978, MDATC]. In: IDEM. *The Rhetoric of Imitation: genre and poetic memory in Virgil and other Latin poets*. Trad. Ithaca/London: Cornell University Press, 1986, p. 141-184, aqui p. 160.)

Empatheia e sympatheia

“Heinze foi o primeiro a identificar dois parâmetros que ele considerava igualmente significativos para definir a natureza do estilo de Vergílio. O primeiro deles, *Empfindung*, consistia na simbiose entre narradores e personagens, na *empatheia* de uma história imbuída com os sentimentos das várias personagens envolvidas. O segundo, *Subjektivität*, consistia na intrusão do poeta na narração para comentá-la, na *sympatheia* de sua participação ativa.” (G. B. CONTE. *Virgil’s Aeneid: toward an interpretation* [1978, MDATC]. In: IDEM. *The Rhetoric of Imitation: genre and poetic memory in Virgil and other Latin poets*. Trad. Ithaca/London: Cornell University Press, 1986, p. 141-184, aqui p. 168.)

“Assim, a nova forma de dispor o conteúdo que Vergílio concebeu para a Eneida se cristaliza como uma forma motivada – na verdade, uma nova forma épica.” (IDEM, *Ibidem*, p. 169.)

“Com a verdade difratada em imagens individuais, relativas, cabe ao poeta vir adiante como um ‘monitor’ capaz de avaliar o valor de cada fragmento, relacionando-os com a objetividade de sua própria visão de mundo. Esse é o papel desempenhado pela intervenção sistemática do poeta na estrutura da Eneida: ele cria uma consciência objetiva sob a qual as várias verdades individuais se subsomem.” (IDEM, *Ibidem*, p. 172.)

Dois casos de *sympatheia*

[morte de Niso e Euríalo]

En.9.446-449

Fortunati ambo! si quid mea carmina possunt,
nulla dies umquam memori vos eximet aevo,
dum domus Aeneae Capitoli immobile saxum
accolet imperiumque pater Romanus habebit.

Bem aventurados ambos! Se algum poder tem meu canto,
dia algum vos apagará da memória dos tempos,
enquanto a mansão de Eneias estiver assente na rocha imóvel
do Capitólio e o pai romano conservar seu poder.

[morte de Palante]

En.10.507-609

o dolor atque decus magnum rediture parenti,
haec te prima dies bello dedit, haec eadem aufert,
cum tamen ingentis Rutulorum linquis acervos!

ó tu, que, feito dor e glória, vais retornar a teu pai,
este primeiro dia que à guerra te entregou, este mesmo te leva,
ainda que deixes atrás imensa montanha de Rútulos!

1.3.2. Primeiro exemplo: anúncio a Calipso/anúncio a Enéas e monólogo de Enéas

ODISSEIA	ENEIDA
ESTADO DE ESPÍRITO DO HERÓI	
Odisseu vive infeliz na ilha (1.48-50), a cada dia chora (5.82-83, 156-158) e só quer retornar para rever o fumo de sua terra (1.55-59).	Enéas entretido com a construção de Cartago, esquece-se do reino da Itália (4.265-267, 273-276; cf. 6.694).
PREOCUPAÇÕES COM A DEMORA	
Atena se queixa a Zeus da demora de Odisseu em Ogígia (5.7-20; cf. 1.48-62).	O rei Jarbas se queixa a Júpiter por Dido rejeitá-lo e preferir Enéas (4.203-221).
ENVIO DE HERMES/MERCÚRIO	
<p>Zeus ordena que Hermes transmita a mensagem a Calipso de que deve liberar Odisseu (5.29-42; cf. 1.81-87);</p> <p>Hermes parte (5.43-54);</p> <p>Descrição da paisagem terrestre (5.63-75);</p> <p>Encontra Calipso em casa, cantando e fiando (5.55-62);</p> <p>Hermes transmite a mensagem (5.97-115).</p>	<p>Júpiter manda Mercúrio transmitir a Enéas a notícia de que ele deve partir (4.222-237);</p> <p>Mercúrio parte (4.238-246);</p> <p>Descrição de paisagem aérea (4.246-258);</p> <p>Encontra Enéas com espada a edificar Cartago (4.259-264);</p> <p>Mercúrio transmite a mensagem (4.265-278).</p>
REAÇÃO DO AVISADO	
Calipso lamenta, mas concorda (5.116-144).	Enéas segue a ordem de Júpiter (4.279-295).
REAÇÃO DA ABANDONADA	
≈ <u>reação de Polifemo</u> : se é quinhão de Odisseu retornar a casa, só o faça depois de enfrentar males (9.528-535)	Dido invoca Sol Juno, Hécate e Diras, rogando-lhe para que, se os fados consentiram que Enéas chegue aos portos da Itália, só o sofra depois de enfrentar males (4.607-620; cf. 4.382-386)

At vero Aeneas aspectu obmutuit amens,
 arrectaeque horrore comae et vox faucibus haesit.¹ 280
 ardet abire fuga² dulcisque relinquere terras,³
 attonitus tanto monitu imperioque deorum.
 heu quid agat?⁴ quo nunc reginam ambire furem
 audeat adfatu? quae prima exordia sumat?
 atque animum nunc huc celerem nunc dividit illuc 285
 in partisque rapit varias perque omnia versat.

haec alternanti potior sententia visa est:
 Mnesthea Sergestumque vocat fortemque Serestum,
 classem aptent taciti sociosque ad litora cogant,
 arma parent et quae rebus sit causa novandis 290
 dissimulent; sese interea, quando optima Dido
 nesciat et tantos rumpi non speret amores,
 temptaturum aditus et quae mollissima fandi
 tempora, quis rebus dexter modus. ocius omnes
 imperio laeti parent et iussa facessunt. 295

Logo ali, diante de tal visão, perdeu Eneias a fala, fora de si,
 O cabelo arrepiou-se de pavor e ficou-lhe a voz presa na garganta.
 Arde por se pôr em fuga e deixar a doçura de tais terras,
 espantado da solenidade do aviso e da ordem dos deuses.
 Pois bem, que fazer? Com que conversa ousaria ele contornar
 o desvario da rainha? Por que palavras havia de começar?
 Balança o coração, veloz, ora para um lado, ora para outro,
 e arrebatado em várias direcções e por todas as saídas o revolve.

Enquanto assim hesitava, esta decisão lhe pareceu ser a melhor:
 chama Mnesteu e Sergesto e o valente Seresto;
 que aprestem a armada em silêncio e guiem os companheiros para a praia,
 que aprontem as armas e quanto à causa desta mudança,
 disfarcem-na; quanto a si, dado que a generosa Dido
 tudo desconhece e não espera ver desfeito tamanho amor,
 há-de estudar como abordá-la, qual o momento mais azado
 para lhe falar, qual o jeito certo em tal assunto. Sem delongas
 e com alegria, todos acatam as ordens recebidas e se empenham a
 cumprir as tarefas.

¹ Cf. 12.868: arrectaeque horrore comae et vox faucibus haesit; 3.47-48 e 57-61: tum vero ancipiti mentem formidine pressus / obstipui steteruntque comae et vox faucibus haesit. [...] postquam pavor ossa reliquit, / delectos populi ad proceres primumque parentem / monstra deum refero, et quae sit sententia posco. / omnibus idem animus, scelerata excedere terra, / linqui pollutum hospitium et dare classibus Austros.

² Porém, ver 3.340-344: me si fata meis paterentur ducere vitam / auspiciis et sponte mea componere curas, / urbem Troianam primum dulcisque meorum / reliquias colerem, Priami tecta alta manerent, / et recidiva manu posuissem Pergama victis.

³ B.1.3: nos patriae finis et dulcia linquimus arua.

⁴ Cf. 9.399-401 [Niso]: quid faciat? qua vi iuvenem, quibus audeat amissis / eripere? an sese medios moriturus in enses / inferat et pulchram properet per vulnera mortem? 12.486-487 [Enéas]: heu, quid agat? vario nequiquam fluctuat aestu, / diversaeque vocant animum in contraria curae. Cf. ainda 4.534-547 [Dido]: 'en, quid ago? rursusne procos innisa priores / experiar, Nomadumque petam conubia supplex, / quos ego sim totiens iam dedignata maritos? / Iliacas igitur classis atque ultima Teucrum / iussa sequar? quiane auxilio iuvat ante levatos / et bene apud memores veteris stat gratia facti? / quis me autem, fac velle, sinet ratibusve superbis / invisam accipiet? nescis heu, perditam, necdum / Laomedontae sentis periuria gentis? / quid tum? sola fuga nautas comitabor ovantis? / an Tyniis omnique manu stipata meorum / inferat et, quos Sidonia vix urbe revelli, rursus agam pelago et ventis dare vela iubebo? / quin morere ut merita es, ferroque averte dolorem. Cf., ainda, 12.637-649 [Tumo]: nam quid ago? aut quae iam spondet Fortuna salutem? / vidi oculos ante ipse meos me voce vocantem / Muranum, quo non superat mihi carior alter, / oppetere ingentem atque ingenti vulnere victum. / occidit infelix ne nostrum dedecus Ufens / aspiceret; Teuci potiuntur corpore et amissis, / exscindit domos (id rebus defuit unum) / perpetiar, dextra nec Drancis dicta refellam? / terga dabo et Tumor fugientem haec terra videbit? / usque adeone mori miserum est? vos o mihi, Manes, / este boni, quoniam superis aversa voluntas. / sancta ad vos anima atque istius inscia culpa / descendam magnorum haud unquam indignus avorum.'

[τι δρώω;] “O poeta parece intensificar a subjetividade das personagens sobrepondo sua própria voz às delas, antes unindo-as em uma simbiose indistinguível, favorecido pelo inabitual modo narrativo. [...] A caracterização do protagonista do poema foi reformulada por uma interpretação recente que fixou a existência de **um dúplice estatuto de Enéas**: de um lado, ele é **personagem**, ligado à saudade do passado; de outro, é **instrumento dos Fados, que não lhe concedem liberdade de realizar escolhas fundamentais, o privilégio ou a dor de decidir a respeito de seu próprio destino**. E com efeito – viu-se – é terminantemente proibido a Enéas deliberar por sua conta se permanece em Cartago ou se parte para a Itália, e no texto não se abre o espaço para explicar alguma sua incerteza ou hesitação. Tal espaço é, contudo, concedido aos antagonistas de Enéas quando enfrentam os momentos cruciais de sua existência. [...] Turno, como Dido, dá conta de todos os pensamentos que lhes atravessam a mente, exaurindo, em todos os aspectos, a complexidade psicológica da decisão no âmbito de uma estrutura que evoca nitidamente os modos do **gênero dramático**. [...] No interior do texto virgiliano, **a função do estilo indireto livre** com referência a Enéas está orientada pela oposição com esses antagonistas: diante de um comportamento tão distinto, o modo narrativo que convém ao protagonista não quando ele deve tomar uma decisão essencial, mas apenas quando ele não sabe como evitar um problema ou uma dificuldade contingente, não pode senão assumir um significado. **Com tal procedimento, o narrador avoca para si a subjetividade da personagem e controla seus acentos expressivos, tornando-se superintendente da comunicação do protagonista com o leitor.**” (A. PERUTELLI. Registri narrativi e stile indiretto libero in Virgilio (a proposito de Aen.4.279ss). Materiali e discussioni per l’analisi dei testi classici, n. 3, 1979, p. 69-82, aqui p. 76-78.)

1.3.4. Segundo exemplo: o lamento de Juturna

At procul ut Dirae stridorem agnovit et alas,
 infelix crinis scindit Iuturna solutos
 unguibus ora soror foedans et pectora pugnis:¹
 “quid nunc te tua, Turne, potest germana iuvare?
 aut quid iam durae superat mihi?² qua tibi lucem
 arte morer? talin possum me opponere monstro?
 iam iam linquo acies. ne me terrete timentem,
 obscenae volucres: alarum verbera nosco
 letalemque sonum, nec fallunt iussa superba
 magnanimi Iovis. haec pro virginitate reponit?
 quo vitam dedit aeternam? cur mortis adempta est
 condicio? possem tantos finire dolores
 nunc certe, et misero fratri comes ire per umbras!³
 immortalis ego? aut quicquam mihi dulce meorum⁴
 te sine, frater, erit? o quae satis ima dehiscat
 terra mihi,⁵ Manisque deam demittat ad imos?”⁶
 tantum effata caput glauco contexit amictu
 multa gemens et se fluvio dea condidit alto.

870 Mas quando reconheceu de longe o ruído e as asas da Fúria,
 a pobre Juturna arrepele os cabelos desgrenhados,
 irmã que era, a flagelar o rosto com as unhas e o peito com os punhos:
 «Que pode, agora, ó Turno, fazer tua irmã para te valer?
 Ou que me resta já, em minha desgraça? Com que artes posso
 fazer perdurar a luz? Acaso sou capaz de enfrentar tal monstro?
875 Vou já, já, deixar o combate. Não crieis mais pavor ao meu medo,
 ó aves sinistras: conheço o bater das asas
 e o som da morte, e não me escapa que são ordens do alto,
 do magnânimo Júpiter. É esta a paga que me dá pela virgindade?
 Para quê me deu ele uma vida eterna? Porquê me foi furtada
880 a condição de mortal? Pudesse eu pôr fim a tamanho sofrimento,
 agora, ao menos, e seguir com meu pobre irmão para o reino das sombras.
 Imortal, eu? Haverá algo que possa dar-me prazer
 sem ti, ó meu irmão? Oh, que terra pode abrir-se, funda quanto baste,
 para mim e me lançar, a mim, que sou deusa, nos manes profundos?»
885 Mal disse isto, cobriu a cabeça de um manto esverdeado,
 num longo gemido, e mergulhou, deusa que era, no fundo do rio.

¹ 4.673: unguibus ora soror foedans et pectora pugnis;

² 4.681: sic te ut posita, crudelis, abessem?

³ 4.677-679: comitemne sororem / sprevisti moriens? eadem me ad fata vocasses, / idem ambas ferro dolor atque eadem hora tulisset.

⁴ 4.317-319: si bene quid de te merui, fuit aut tibi quicquam / dulce meum, miserere domus labentis et istam, / oro, si quis adhuc precibus locus, exue mentem

⁵ 4.24. sed mihi vel tellus optem prius ima dehiscat

⁶ 4.387: Manis veniet mihi fama sub imos

“O monólogo se erige como uma reflexão lúcida, mas isolada sem nenhuma sequência narrativa nem contato dialético com a teodiceia ‘positiva’ da Eneida.” (CONTE, *Virgil’s Aeneid*, op. cit., p. 158.)

“O motivo da imortalidade infeliz, nascido no terreno da crítica filosófica a Homero, insere-se, assim, seja graças à margem exígua criada pela estrutura monológica que examinamos, em um texto que deseja pôr-se como direta continuação da tradição homérica: confirmação singular de uma obra que foi posta, com razão, no âmbito ideológico da crise do mundo antigo. [...] Da tragédia, Vergílio perpetua certa imediatez violenta, que impõe o eu das personagens como ponto de vista total sobre o mundo; porém, sobre essas individualidades originariamente irreduzíveis, a forma da tragédia sabe operar um princípio de recomposição sintética: o personagem ‘aprende com a ação’, modifica os outros e é por eles modificado. Nada disso parece possível na Eneida. [...] Não que esteja ausente do poema uma matéria *potencialmente* trágica ou a correspondente maturidade de um estilo: o limite se localiza antes na forma dos conteúdos, que não se encarga de recompor as visões individuais de mundo por meio de dialética, mas sobrepõe bruscamente a elas um ponto de vista dominante – o dos Fados. Antes que tentar uma superação da tragédia, a Eneida manifesta concretamente sua impossibilidade. [...] O discurso solitário se joga inteiramente no breve interstício que separa os dois grandes planos tradicionais da ação, o nível divino, em que prevaleceu a síntese querida pelo destino e aquele humano, em que as personagens podem permanecer livres para agir epicamente na medida em que não conhecem (ou não reconhecem, o que dá no mesmo), a necessidade de tal síntese.” (A. BARCHIESI. *Il lamento di Giuturna. Materiali e discussioni per l’analisi dei testi classici*, n. 1, 1978, p. 99-121, aqui p. 119-121.)

- ἄρ' ὑμῖν ὡς ἀλγοῦσα κώδυνωμένη
805 δεινῶς δακρῦσαι κάπικωκῦσαι δοκεῖ
 τὸν υἱὸν ἢ δύστηνος ᾧδ' ὀλωλότα;
 ἀλλ' ἐγγελαῖσα φροῦδος: ᾧ τάλαιν' ἐγώ.
 Ὅρέστα φίλταθ', ᾧς μ' ἀπόλεσας θανῶν.
 ἀποσπάσας γὰρ τῆς ἐμῆς οἴχει φρενὸς
810 αἶ μοι μόναι παρῆσαν ἐλπίδων ἔτι,
 σὲ πατρὸς ἥξειν ζῶντα τιμωρόν ποτε
 κάμοῦ ταλαίνης. νῦν δὲ ποῖ με χρῆ μολεῖν;
 μόνη γάρ εἰμι, σοῦ τ' ἀπεστερημένη
 καὶ πατρός. ἤδη δεῖ με δουλεύειν πάλιν
815 ἐν τοῖσιν ἐχθίστοισιν ἀνθρώπων ἐμοὶ
 φονεῦσι πατρός. ἄρά μοι καλῶς ἔχει;
 ἀλλ' οὐ τι μὴν ἔγωγε τοῦ λοιποῦ χρόνου
 ξύνοικος, εἴσειμι', ἀλλὰ τῆδε πρὸς πύλη
 παρεῖσ' ἐμαυτὴν ἄφιλος αὐανῶ βίον.
820 πρὸς ταῦτα καινέτω τις, εἰ βαρύνεται,
 τῶν ἔνδον ὄντων: ὡς χάρις μὲν, ἦν κτάνη,
 λύπη δ', ἐὰν ζῶ: τοῦ βίου δ' οὐδεὶς πόθος.

Acaso a vós, sofrendo e padecendo desse modo,
 parece a infeliz terrivelmente chorar
 e lamentar o filho que assim acaba de morrer?
 Ela partiu rindo. Ó, eu miserável!
 Orestes caríssimo, assim me destruístes tendo morrido.
 Pois arrancaste do meu coração
 as únicas esperanças que ainda me restavam,
 tu que, estando vivo, virias um dia como vingador do teu pai
 e de mim, a infeliz. E agora para onde devo ir?
 Pois estou sozinha, espoliada de ti
 e do pai. Agora devo ser escrava novamente
 em meio aos mais odiosos para mim dentre os humanos,
 os assassinos do meu pai. Acaso estou bem assim?
 Eu pelo menos, no tempo restante, de modo algum
 como coabitante entrarei na casa, mas diante desta porta
 desgastando a mim mesma, sem amigos, secarei minha vida.
 Diante disso, que um dos que estão dentro, se se incomodar,
 me mate. Pois será um deleite, se me matarem,
 mas uma tristeza, se eu viver: de viver não tenho nenhum desejo.

(trad. Roosevelt Rocha)

2. A “dupla janela”

“A ‘janela de referência’ [*window reference*] consiste em uma adaptação muito próxima de um modelo, notavelmente interrompida para permitir referência à fonte daquele modelo: o modelo intermediário serve, assim, como uma espécie de janela para a fonte última, cuja versão é, afora isso, invisível. No processo, o modelo imediato, ou principal, é, de algum modo, ‘corrigido’.”

(R. F. THOMAS. *Virgil's Georgics and the Art of Reference*. *Harvard Studies in Classical Philology*, n. 90, 1986, p. 171-198, p. 188.)

2.1. O *Bellum Poenicum*, de Névio

(7 livros, Suet.*Gramm.*2.3-4)

Sunt alii loci plurimorum versuum quos Maro in opus suum cum paucorum immutatione verborum a veteribus transtulit. Et quia longum est numerosos versus ex utroque transcribere, libros veteres notabo, ut qui volet illic legendo aequalitatem locorum conferendo miretur. 31 In principio Aeneidos tempestas describitur, et Venus apud Iovem quaeritur de periculis filii, et Iuppiter eam de futurorum prosperitate solatur. Hic locus totus sumptus a Naevio est ex primo libro belli Punici. Illic enim aequè Venus Troianis tempestate laborantibus cum Iove queritur, et secuntur verba Iovis filiam consolantis spe futurorum. (Mac.Sat.6.2.30-31)

Há outros passos de muitos versos que Marão transferiu dos [poetas] antigos para sua obra com mudança de poucas palavras. E, porque é longo transcrever numerosos versos de ambos, eu indicarei os livros antigos para que quem queira possa, lendo lá, admirar-se ao comparar a identidade dos passos. **31.** No início da *Eneida*, é descrita uma tempestade, e Vênus reclama com Júpiter do perigo que corre seu filho, e ele a consola, garantindo a boa-fortuna dos eventos futuros [de Enéas]. Todo esse passo é tomado a Névio, no primeiro livro de seu *De bello Punico*. Lá também, enquanto os troianos se afanam com a tempestade, Vênus reclama com Júpiter e seguem-se as palavras de Júpiter, que consola sua filha com a esperança dos eventos futuros.

“Névio teve a intenção, igualmente a outros poetas épicos antigos, de reunir em um único poema as características essenciais da *Iliáda* e da *Odisseia*. Parece óbvio supor que, para ele e para os contemporâneos, o *Bellum Poenicum*, que, a pouca distância da *Odisseia* de Andrônico, iniciava uma épica latina independente com uma vasta trama de relatos de guerra, representava o poema nacional romano correspondente à *Iliáda*, primeiro exemplo de todo *epos* guerreiro. A seu turno, a arqueologia, inserida no interior da narrativa principal do *bellum*, constituía uma espécie de *Odisseia* latina compendiosa, paralela àquela traduzida por Andrônico: de um lado, νόστος de Ulisses e posteriores ocorrências na corte de Ítaca até a vitória sobre os usurpadores; de outra, a viagem de Enéas e posteriores ocorrências suas e de seus descendentes até a fundação de Roma, para Névio muito próxima da época do herói.”

(S. MARIOTTI. *Il Bellum Poenicum e l'arte di Nevio*: saggio con edizione dei frammenti del *Bellum Poenicum*. 3.ed. Bologna: Pàtron, 2001, p. 19-20.)

“Podemos agora retomar o desenvolvimento da arqueologia mais ou menos assim (noto entre parênteses os fragmentos de referência segura ou mais provável): no livro I, partida e viagem de Enéas (frr. 2-6), sua chegada na Itália (fr. 9) e primeiras relações com o ambiente itálico (fr. 10); no livro II, encontro com um *hospes Italicus* (fr. 13) e outros eventos não determinados; no III, auspícios tomados por Anquises (fr. 17), talvez para a fundação de uma cidade, e depois em diante até Amúlio (fr. 18), Rômolo e a fundação de Roma (fr. 19).”

(S. MARIOTTI. *Il Bellum Poenicum e l'arte di Nevio*: saggio con edizione dei frammenti del *Bellum Poenicum*. 3.ed. Bologna: Pàtron, 2001, p. 39.)

2.2. *As Argonáuticas*, de Apolônio de Rodes

“Leitores da *Eneida* precisam estar alertas para o uso constante de Apolônio por Vergílio e para as formas complexas em que ele lê as *Argonáuticas* como uma remodelagem complexa dos textos homéricos. [...] A *Eneida* é mais do que o fruto de uma meditação profunda sobre a natureza da épica homérica. Ela é resultado da investigação meticulosa de Vergílio sobre toda a tradição de *epos* tanto homérico como pós-homérico, e, na visão dele dessa tradição épica, Vergílio via as *Argonáuticas* de Apolônio como ocupando uma posição de importância absolutamente central.”

(D. P. NELIS. Apollonius and Virgil. In: T. D. Papanghelis; A. Rengakos (ed.). *Brill's Companion to Apollonius Rhodius*. 2.ed. Leiden/Boston: Brill, 2008, p. 341-362, aqui p. 342.)

“A maioria dos vergilianistas lerá esse livro com o senso perturbador de que, depois de ter se acostumado ao domínio de Homero e às contribuições esparsas de Calímaco e de Apolônio, nós temos de mudar a forma como vemos o poema. O estudioso é quase como um navegante ou um pescador que aprendeu cuidadosamente as marés, quando de repente olha para cima e vê uma segunda Lua no céu (talvez uma Lua que apenas conseguimos ver com dificuldade, através das nuvens) exercendo sua atração nas águas do mundo. Isso significaria, é claro, que tudo mudou.”

(J. O'HARA. *The Aeneid and Apollonius* [resenha de Nelis, *Vergil's Aeneid and the Argonautica of Apollonius Rhodius*, 2001]. *The Classical Review*, n. 54 (2), 2004, p. 374-376, aqui p. 376.)

LIVRO I

Proêmio: antecedentes, Jasão e Pélias, construção da nau *Argo* (1-19). Catálogo dos Argonautas (18-233). A véspera da partida: caminhada dos Argonautas até ao porto, despedida de Jasão de seus pais, caminhada de Jasão até o porto (234-316); preparativos da viagem: escolha de Jasão como líder da expedição, lançamento da nau *Argo*, escolha do timoneiro, sacrifício e oração a Apolo, profecia de Idmon (317-449); banquete dos Argonautas, discussão entre Idas e Jasão, canto de Orfeu (450-518). Partida da *Argo*, viagem para Lemnos (519-608). O episódio de Lemnos: Hipsípile e Jasão, écfrase do manto de Jasão, despedida entre Hipsípile e Jasão (609-909). Continuação da viagem, Samotrácia (910-935). O episódio de Císico: batalha com os terrígenos, gigantes com seis mãos, dólios, Jasão acidentalmente mata o príncipe Císico, e a jovem noiva se enforca, apaziguamento da Grande Mãe (Cibele), segunda partida (936-1152). O episódio de Hílas, na Mísia: assalto de Hílas por uma ninfa, deixando Hércules e Polifemo para trás (1153-1272). Continuação da viagem para a Bitínia, o deus marítimo Glauco acalma a briga que se estabelece a bordo (1153-1357).

LIVRO II

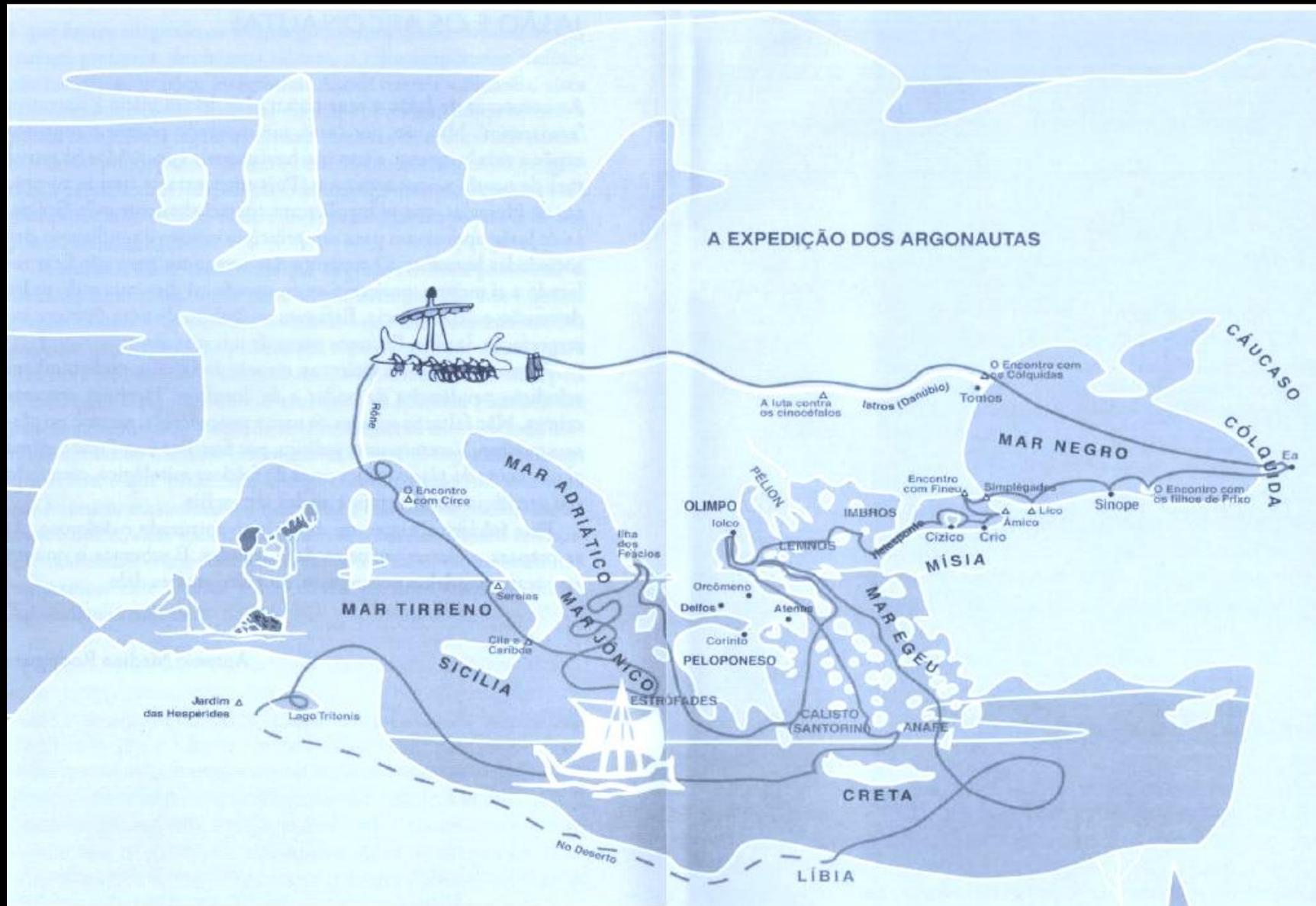
O episódio da Bebrícia: combate de boxe entre Âmico, rei dos bébrices, e Pólux, e os argonautas despistam os outros bébrices (1-163). Continuação da viagem e episódio de Fineu: expulsão das harpias pelos boréades, profecias de Fineu (164-536). Passagem através das Simplégades (537-647). Continuação da navegação ao longo da costa do Mar Negro, epifania de Apolo na Ilha de Tínia (648-751). Estadia com o rei Lico e os mariandinos, morte do vidente Idmon e do timoneiro Tífis, eleição do novo timoneiro Anceu (752-898). Continuação da viagem, passando pelo túmulo de Estênelo, Sinope, terra das Amazonas, bem como terra dos cálibes, tibarenos e mossínecos (899-1029). Desembarque na ilha de Ares, batalha com as aves de Ares, encontro com os filhos de Frixo (1030-1230). Continuação da viagem e desembarque na Cólquida (1231-1285).

LIVRO III

Proêmio: Invocação da Musa Erato (1-5). Cena no Olimpo: Hera e Atena pedem a Afrodite que convença Eros a fazer Medeia se apaixonar por Jasão (6-166). Deliberação dos Argonautas e embaixada até Eetes, descrição do palácio de Eetes (167-274). Eros dispara contra Medeia, conversa entre os Argonautas e Eetes (275-442). 1ª cena de Medeia, angústia (443-471). Consulta dos Argonautas, que decidem pedir a Calcíope para garantir a ajuda de Medeia, assembleia dos cólquidas, discurso de Eetes (576-608). 2ª cena de Medeia: Calcíope e Medeia. 3.ª cena de Medeia, que decide ajudar Jasão (616-824). Medeia e Jasão se deslocam para seu encontro no templo de Hécate (825-947). Encontro de Jasão e Medeia e apresentação da poção mágica (825-1162). Preparações para a prova: os dentes do dragão são recolhidos por Eetes, sacrifício de Jasão a Hécate, armadura de Eetes, fortalecimento de Jasão pela poção mágica de Medeia (1163-1277). O ἄθλος de Jasão (1278-1407).

LIVRO IV

Proêmio: Invocação das Musas (1-5). Fuga de Medeia, roubo do Tosão de Ouro, partida dos Argonautas (6-211). Perseguição dos Argonautas pelos cólquidas, viagem de Argo através do rio Istros [Danúbio] até ao Adriático (212-337). Acordo entre os Argonautas e os cólquidas, cólera de Medeia, assassinato de Absirto por Jasão em uma emboscada (338-491). Viagem dos Argonautas no Adriático até os hileus, ressentimento de Zeus pelo assassinio de Absirto, viagem através o Erídano [Pó] e do Ródano, desembarque na ilha de Circe (492-658). Episódio de Circe, purificação de Jasão e Medeia, cena das deusas (Hera, Íris, Tétis) (659-884). Viagem até Drépano (Corfu), junto aos feácios, passando pela ilha das Sereias, pelas Planctas [rochedos errantes], passagem pela Trinácria (885-981). Episódio dos feácios: casamento de Jasão e Medeia (982-1222). Episódio da Líbia: tempestade os leva à Líbia, sendo salvos pelas ninfas que os fazem carregar a nau Argo pelo deserto, até o Lago Tritão, encontro com as Hespérides, morte de Canto e Mopso (1223-1619). Viagem até Creta, Medeia destrói o gigante de bronze Talos (1620-1688). Viagem de volta: epifania de Apolo, que os salva de uma densa escuridão (1689-1730). Sonho de Eufemo, viagem a Egina, regresso a Págasas (1731-1781).



(M. STEPHANIDES. *Jasão e os Argonautas*. Trad. Marylene Pinto Michael. São Paulo: Odysseus, 2000, p. 164-165.)

Argonáuticas e epopeias homéricas

“Há três principais estruturas narrativas odissíacas nas *Argonáuticas*: (a) a viagem dos argonautas como um todo é, como a de Odisseu, um *nostos* [...]; (b) a viagem de Págasas à Cólquida é modelada nas errâncias de Odisseu de muitas formas, empregando muito material de *Odisseia* 9-12 [...]; (c) a viagem da Cólquida de volta a Págasas em *Argonáuticas* 4 é outra remodelagem da *Odisseia*, empregando especialmente o livro 12 (Calipso, as sereias, Cila e Caríbde, etc., aparecem em ambos). [...] Muitas outras estruturas narrativas odissíacas são empregadas por Apolônio, mas essas três super-estruturas fornecem o enquadramento amplo em que a maior parte delas se encaixa, ao mesmo tempo em que dão conta do uso que Apolônio faz da *Iliada*. A maior concentração de material iliádico se dá em *Argonáuticas* 3. Esse fato não deve causar surpresa alguma; trata-se, afinal de contas, do único livro do poema em que não há viagens e aquele em que se narra a *aristeia* de Jasão, tanto em seu encontro com Medeia como quando ele enfrenta os nascidos da Terra e os touros. O que nós temos aqui é, em muitos sentidos, uma reescrita da *Iliada* em um modo erótico. Assim, enquanto os livros 1, 2 e 4 são odissíacos, o livro 3, mesmo se a Cólquida corresponde tanto a Ítaca como à Feácia, é sobretudo iliádico.”

(D. P. NELIS. Apollonius and Virgil. In: T. D. Papanghelis; A. Rengakos (ed.). *Brill's Companion to Apollonius Rhodius*. 2.ed. Leiden/Boston: Brill, 2008, p. 341-362, aqui p. 342.)

Apolônio e Vergílio

“Vergílio modelou a primeira metade da *Eneida* até 7.36, a chegada ao Tibre, em *Argonáuticas* 1-4 como um todo. O *nostos*, ou retorno para casa, de Enéas corresponde ao *nostos* de Jasão, bem como àquele de Odisseu. [...] No interior dessa estrutura, há uma outra, em que todas as *Argonáuticas* são comprimidas em *Eneida* 3, o livro de errância odissíaca *par excellence* [...] Quando os argonautas navegam Fásis acima, estão desembarcando em um território em que precisarão vencer terríveis perigos antes de encontrar o velo de ouro. Quando os troianos adentram o Tibre, eles estão chegando em uma terra em que precisam construir uma cidade cuja fundação levará, no final das contas (Aen.1.263-277) à fundação de Roma. [...] Uma vez que se compreende que os eventos na Itália, na segunda metade da *Eneida*, devem ser comparados àqueles na Cólquida, em *Argonáuticas* 3-4, torna-se óbvio que, em sua estrutura geral, a epopeia de Vergílio pode ser descrita com justiça como uma *Argonáutica*. Em termos simples, a viagem ao Tibre em *Eneida* 1.1-7.36 corresponde à viagem ao Fásis em *Argonáuticas* 1-2, e a segunda metade da epopeia, *Eneida* 7.37 (Erato)-12.952, corresponde a *Argonáuticas* 3.1 (Erato)-4.1781.”

(D. P. NELIS. Apollonius and Virgil. In: T. D. Papanghelis; A. Rengakos (ed.). *Brill's Companion to Apollonius Rhodius*. 2.ed. Leiden/Boston: Brill, 2008, p. 341-362, aqui p. 347-348.)

Dois padrões superpostos

“Há, na verdade, dois padrões estruturais que conectam a segunda metade da *Eneida* às *Argonáuticas*. Mesmo enquanto se desdobram ambas as estruturas, o todo da segunda metade do poema ainda é a *Ilíada* de Vergílio, mas essa ligação é inseparável do fato de que *Argonáuticas* 3 é, na cabeça de Vergílio, a *Ilíada* de Apolônio.

- (i) *Aen.*7-37-8.731 = *Arg.*3.1-4.182: toda a narrativa, da invocação de Erato até o momento em que Enéas põe nos ombros o escudo ao final do livro VIII, corresponde à narrativa de Apolônio na Cólquida, de sua invocação de Erato à tomada do velo de ouro por Jasão;
- (ii) *Aen.*7.37-12.952 = *Arg.*3.1-1407: da invocação de Erato até a derrota de Turno por Enéas, a narrativa de Vergílio corresponde ao todo do terceiro livro das *Argonáuticas*, que começa com Erato e termina com a derrota dos nascidos da Terra e dos touros que soltam fogo por Jasão.”

(D. P. NELIS. Apollonius and Virgil. In: T. D. Papanghelis; A. Rengakos (ed.). *Brill's Companion to Apollonius Rhodius*. 2.ed. Leiden/Boston: Brill, 2008, p. 341-362, aqui p. 348-349.)

2.2.1. Primeiro exemplo: *proemio al mezzo*

Diagram 9 (see ch. 7 p.280)

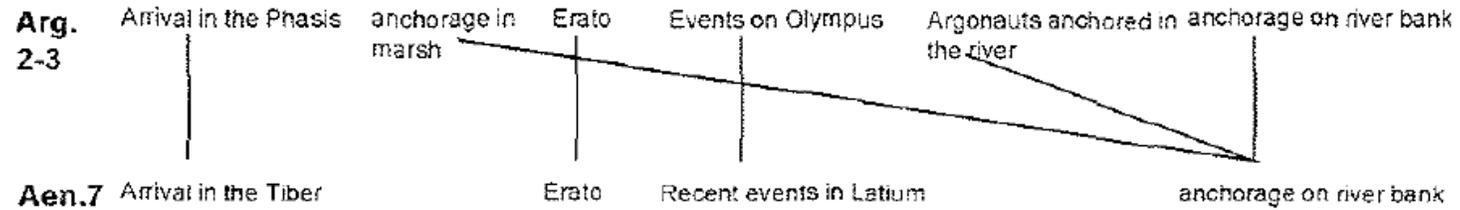
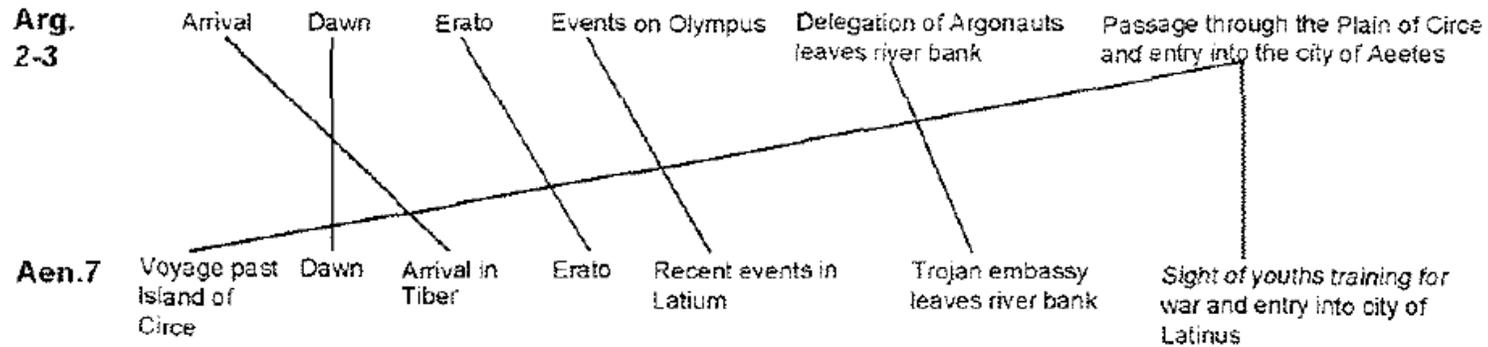


Diagram 10 (see ch. 7 p.282)



Arg.2.1260-3.5

- 2.1260 À noite, graças à experiência de Argos, chegaram
ao Fásis de vasto curso e aos limites extremos do Ponto.
De imediato, após amainarem as velas e a verga,
guardaram-nas dentro do côncavo porta-mastro e logo removeram
o próprio mastro inclinando-o. Rapidamente, com remos,
2.1265 adentraram o grande curso do rio, enquanto à frente,
borbulhando, ele cedia a passagem. [...]
2.1281 Assim falou. E Jasão, por um conselho de Argos,
ordenou que mantivessem a nau ancorada,
após adentrarem denso pântano, bem perto de onde
havam chegado. Lá se alojaram durante a noite.
2. 1285 Não muito tempo depois, a aurora surgiu aos que assim desejavam.

-
- 3.1 **Vamos, Érato**, coloca-te ao meu lado e me conta
como de lá para Iolco Jasão trouxe o toirão,
graças ao amor de Medeia. Pois tu também compartilhas o lote
de Cípris e com teus cuidados encantas as indômitas
3.5 virgens. Por isso esse amável nome te é atribuído.

(trad. Fernando Rodrigues Jr.)

En.3.25-26

- 25 E já com seus raios tingia de vermelho o mar, e do alto do céu
refulgia a rubra Aurora em seu carro rosado,
quando os ventos amainaram, e toda a aragem parou
de repente, e em mármore sossegado lutam os remos.
E aqui, Eneias observa do mar um imenso bosque.
30 Pelo meio dele, o Tibre, em amena corrente,
com rápidos remoinhos e aloirado da imensa carga de areia,
corre para o mar. À volta e por cima, aves variadas,
afeiçoadas às margens e ao leito do rio,
traziam calma aos ares com seu canto e voavam pelo bosque.
35 Inflectir a rota e apontar as proas para terra é o que ordena
aos companheiros e com alegria penetra no rio coberto de sombras.

- Agora, vamos, Érato!** Quais os reis, quais as circunstâncias,
quais as condições que vivia o antigo Lácio, no tempo primeiro em que a sua frota
um exército estrangeiro a trouxe para as praias da Ausónia,
40 é o que vou narrar e relembrar a origem dos primeiros combates.
Tu, ó deusa, tu, ensina o poeta. Vou cantar horrendas batalhas,
vou cantar esquadrões e reis lançados na morte por sua coragem
e as legiões do Tirreno e a Hespéria inteira unida em peso
na senda da guerra. Mais grandiosa é a cadeia de feitos que diante de mim nasce,
45 mais grandioso o trabalho que estou a encetar.

(trad. Carlos Ascenso André)

2.2.2. Segundo exemplo: símile de Diana

Od.6.101-109

Foi Nausícaa de alvos braços que deu início ao canto.
E tal como Ártemis, a Archeira, se desloca pelas montanhas,
pela cordilheira do Taígeto ou então pelo Erimanto,
comprazendo-se com a caça ao javali ou às corças velozes,
105 e com ela brincam as Ninfas, filhas de Zeus, Detentor da Égide,
habitantes do campo, e Leto se regozija no espírito;
pois por cima das outras levanta Ártemis a cabeça e a testa,
sendo facilmente reconhecível, embora todas sejam belas —
assim entre as suas escravas se destacava Nausícaa.

(trad. Frederico Lourenço)

Arg.3.876-888

Como, após ter se banhado nas águas
tépidas do Partênio ou no rio Amniso,
a filha de Leto, ereta sobre o áureo carro,
atravessa colinas guiada por rápidas corças, de longe
880 aproximando-se de uma fumarenta hecatombe;
as ninfas companheiras a seguem, umas reunidas
desde a própria nascente do Amniso, outras após deixarem
os bosques e os cumes de muitas fontes e as feras ao redor,
com urros, agitam a cauda tremulantes ante sua aproximação;
885 assim elas avançavam pela cidade e o povo ao redor
recuava, evitando os olhos da filha do rei.
Quando ela deixou as bem construídas vias da cidade
e chegou ao templo, após ter cruzado a planície..

(trad. Fernando Rodrigues Jr.)

En.1.494-506

Enquanto tudo isto parece encher de espanto o dardânio Eneias,
495 enquanto fica pasmado e quedo, preso apenas à sua contemplação,
entra no templo a rainha de formosíssima beleza, Dido,
rodeada de enorme multidão de jovens.
Qual nas margens do Eurotas ou pelos cumes do Cinto
dirige os coros Diana e, seguindo atrás dela,
500 mil Oréades se juntam vindas daqui e dali; traz ela ao ombro
a aljava e sobressai no seu andar acima de todas essas divindades,
um silencioso prazer invade o coração de Latona;
tal era Dido, tal avançava, leda,
pelo meio dos seus, a estimular trabalho e reinos que hão-de vir.
505 Então, às portas da deusa, no meio da nave do templo,
rodeada de armas e altiva no cimo de um trono, toma ela assento.

(trad. Carlos Ascenso André)